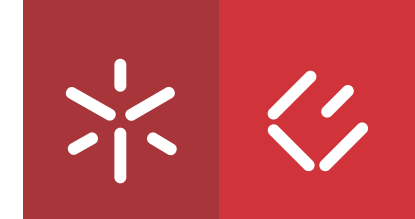


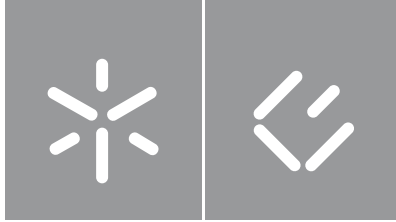


João Tomás Lopes Taveira

**Importante, mas não assim
tanto?**
**O Papel da Idade na Escolha
Eleitoral dos Jovens**



Universidade do Minho
Escola de Economia, Gestão e Ciência Política



Universidade do Minho

Escola de Economia, Gestão e Ciência Política

João Tomás Lopes Taveira

Importante, mas não assim tanto?

O Papel da Idade na Escolha Eleitoral dos Jovens

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciência Política

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Edna Sofia Falorca Costa e do
Professor Doutor Hugo Ferrinho Lopes

abril de 2026

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração. Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

Importante, mas não assim tanto? O Papel da Idade na Escolha Eleitoral dos Jovens

RESUMO:

Os jovens são um grupo sub-representado politicamente a nível mundial. Analisando este fenómeno, a literatura tem apontado certos fatores que prejudicam os candidatos jovens como, por exemplo, o sistema eleitoral e *party gatekeeping*. Não obstante, no que concerne à procura por candidatos jovens por parte dos eleitores, os resultados aparentam ser mistos. Uma razão pela qual a literatura falha em encontrar uma predisposição para votar em candidatos jovens robusta no eleitorado poderá ser que existem outros fatores mais relevantes do que a idade do candidato para a escolha eleitoral.

Esta dissertação pretende contribuir para esta corrente florescente da literatura ao responder à seguinte pergunta: qual é o papel da idade na escolha eleitoral dos jovens em relação a outros fatores? Para tal, proponho um modelo analítico que adapta os contributos das teorias do comportamento eleitoral e de género e da psicologia social e política. De maneira a aprofundar o conhecimento nesta área, optou-se por uma metodologia qualitativa, grupos focais, estratificados consoante o género e posicionamento ideológico dos participantes. Ao longo das sessões foram abordados vários tópicos, começando pela predisposição dos jovens para votar em candidatos jovens, seguido do efeito de vários fatores na escolha eleitoral dos participantes, nomeadamente a ideologia, género e discriminação estratégica aliada à perceção de competência dos candidatos.

Apesar da amostra não representativa, surpreendentemente não se revelou uma predisposição dos eleitores jovens para votar em candidatos mais novos, sendo a idade superada pelos outros fatores. Adicionalmente, ficou patente uma diferença vincada tanto entre os grupos estratificados consoante o género, como consoante o posicionamento ideológico, no que toca à relevância dos fatores identitários (género e idade) para a escolha eleitoral. Por outro lado, os resultados relativamente à discriminação estratégica foram inconclusivos. A escolha eleitoral dos jovens pareceu seguir um “modelo de funil” pela qual a congruência ideológica foi verificada em primeiro lugar, seguida da perceção de competência e por último os fatores identitários (apenas pelos eleitores de esquerda). Estudos subsequentes sobre este tema deverão ter em conta esta diversidade dentro da faixa etária.

PALAVRAS-CHAVE: discriminação estratégica; escolha eleitoral; jovens; representação descritiva.

Important, but not as much? Age's Role on the Electoral Choice of the Youth

ABSTRACT:

Young people are a politically underrepresented group worldwide. In analysing this phenomenon, the literature has identified certain factors that disadvantage young candidates, such as the electoral system and party gatekeeping. Nevertheless, with regard to voters' demand for young candidates, the results appear to be mixed. One reason why the literature fails to find a robust predisposition to vote for young candidates among the electorate may be that there are other factors more relevant than the candidate's age for electoral choice.

This dissertation aims to contribute to this burgeoning body of literature by answering the following question: what is the role of age in young people's electoral choice relative to other factors? To this end, I propose an analytical model that adapts the contributions of theories of electoral behaviour, gender, and social and political psychology. In order to deepen our understanding in this area, we opted for a qualitative methodology, using focus groups stratified according to the gender and ideological positioning of the participants. Throughout the sessions, various topics were addressed, beginning with young people's predisposition to vote for young candidates, followed by the effect of various factors on the participants' electoral choices, namely ideology, gender, and strategic discrimination combined with the perception of candidates' competence.

Although the sample is not representative, surprisingly young voters did not show a tendency to vote for younger candidates, as age was overshadowed by other factors. Additionally, a marked difference emerged among groups stratified by both gender and ideological positioning regarding the relevance of identity factors (gender and age) to electoral choice. On the other hand, the results regarding strategic discrimination were inconclusive. Young voters' electoral choice appeared to follow a "funnel model" in which ideological congruence was prioritized first, followed by perceived competence, and finally identity factors (only among left-leaning voters). Subsequent studies on this topic should take this diversity within the age group into account.

KEY WORDS: descriptive representation ; electoral choice; strategic discrimination; youth.

ÍNDICE GERAL

Introdução.....	1
Capítulo I – Revisão da Literatura.....	4
1.1. A Sub-Representação dos Jovens: Portugal e o Mundo.....	4
1.2. O Modelo Oferta-Procure.....	6
1.3. O Lado da Procura: O Que Sabemos sobre os Eleitores Jovens?	7
1.3.1 Discriminação Estratégica e Perceção de Competência.....	9
1.3.2. Género	11
1.3.3 Ideologia.....	12
1.4 Expectativas Teóricas e Modelo Analítico	13
Capítulo II – Dados e Métodos.....	15
2.1. Grupos Focais, Características e Seleção da Amostra	15
2.2. Limitações	18
2.2.1 Amostra e Método.....	18
2.2.2 Análise, Inferências e Operacionalização de Conceitos.....	19
2.2.3 Validade Interna	19
Capítulo III - Resultados.....	20
3.1 Predisposição para Votar em Candidatos Jovens.....	20
3.2 Ideologia e Identificação Partidária	21
3.3 Género	23
3.4. Discriminação Estratégica e Perceção de Competência.....	24
3.5. O Papel (Secundário) da Idade na Escolha Eleitoral dos Jovens	28
3.6. Discussão dos Resultados	29
Capítulo IV - Conclusões.....	32
Capítulo V - Bibliografia.....	35
Capítulo VI – Apêndices.....	42

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Proporção de cidadãos com idade entre os 15-29 anos vs. Proporção de cidadãos com idade inferior a 30 anos.	5
Figura 2: Hierarquia de Fatores na Escolha Eleitoral dos Participantes Jovens	29

ÍNDICE DE TABELA

Tabela 1: Descrição dos Participantes nos Grupos Focais..... 16

LISTA DE ABREVIATURAS

PCM: Presidente da Câmara Municipal

I: Ideologia

PC: Percepção de Competência

G: Género

id: Idade6

Introdução

A posição da idade na sua relação com outros fatores na escolha eleitoral tem sido um tópico de contenção na literatura sobre a representação política. Apesar de parecer, à partida, um conceito relativamente simples e direto, a verdade é que a "representação" é uma construção muito mais multifacetada do que aparenta ser à primeira vista. É neste contexto que, reconhecendo e respeitando a complexidade que o fenómeno da representação apresenta, Hannah Pitkin (1967) desenvolve a sua teoria da representação em *"The Concept of Representation"*. Nesta obra, Pitkin (1967) distingue quatro tipos diferentes de representação: representação formal; representação descritiva; representação simbólica; e representação subjetiva.

A representação formal relaciona-se com os mecanismos institucionais que permitem que um representante assuma o seu cargo, assim como garantem a sua responsabilidade perante os por ele representados. A representação descritiva é alusiva às semelhanças entre os representantes e representados. Tipicamente, isto significa que a composição dos representantes deve espelhar a composição dos representados (Schwindt-Bayer e Mishler, 2005). A representação simbólica remete aos sentimentos evocados pelo representante no representado. Por último, a representação substantiva refere-se à congruência entre as ações do representante e os interesses dos seus representados (Pitkin, 1967; Dovi, 2015). Existem, ainda, autores que desenvolveram e adaptaram as teorias de representação de Pitkin (1967), tal como Anne Phillips em *"The Politics of Presence"* (Phillips, 1995), Jane Mansbridge em *"Should Blacks Represent Blacks and Women Represent Women? A Contingent 'Yes'"* (Mansbridge, 1999) ou, mais recentemente, Hans Asenbaum em *"The Politics of Becoming"* (Asenbaum, 2023).

A literatura sobre a representação descritiva em particular tem, então, analisado o grau de semelhança entre as características demográficas dos eleitos dos parlamentos e as dos seus eleitores (Pitkin, 1967; Phillips, 1995; Mansbridge, 1999; Asenbaum, 2023), concluindo que esta encontra-se significativamente desconectada da realidade na maioria dos parlamentos a nível mundial no que toca a várias identidades, nomeadamente mulheres (por exemplo, Wolbrecht e Campbell, 2007; Campbell e Heath, 2017), minorias étnicas (por exemplo, Griffin e Keane, 2006; Rocha et al., 2010; Fraga, 2016), mas também jovens (por exemplo, Stockemer e Sundström, 2018, 2022; Stockemer et al., 2023).

Existe uma profunda sub-representação dos jovens nos parlamentos e gabinetes ministeriais em todo o mundo (Belschner, 2023; McClean e Ono, 2024). Olhando para o modelo de oferta-procura estabelecido na literatura (Norris e Lovenduski, 1995; Stockemer et al., 2023) podem retirar-se algumas conclusões preliminares. Do lado da oferta, existem barreiras significativas no que toca à presença de candidatos jovens

em lugares elegíveis impostas pelos próprios partidos políticos (Stockemer e Sundström, 2019b; Stockemer *et al.*, 2023; Belschner, 2024). Existe já um corpo de literatura qualitativa com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a relação entre a idade e a eleição de candidatos jovens, porém, esta tem sido maioritariamente focada no lado da oferta, concluindo que a principal razão para a falta de eleitos jovens é precisamente a falta de candidatos jovens em lugares elegíveis (Stockemer e Sundström, 2022; Kurz e Etternsperger, 2024; Stockemer *et al.*, 2024a; Stockemer *et al.*, 2024b; Kurz *et al.*, 2025). Não obstante, mesmo quando existe oferta de candidatos jovens, olhando para a procura outros fatores podem ser mais importantes do que a idade. Por outras palavras, a idade poderá não ser um fator relevante para a escolha eleitoral dos jovens quando consideradas outras características.

Apesar de haver vários artigos a analisar a procura de candidatos jovens por cidadãos jovens, no que toca ao voto, os resultados têm sido mistos, com alguns autores a encontrarem uma preferência significativa (Pomante e Schraufnagel, 2015; Sevi, 2021; McClean e Ono, 2024) e outros não (Eshima e Smith, 2022; Roberts e Wolak, 2023; Lees e Praino, 2024; Kurz *et al.*, 2025). Face a esta ambiguidade, a presente dissertação optou por não presumir a existência de uma preferência dos eleitores jovens por candidatos jovens, mas sim procurar explorar a forma como os eleitores jovens encaram a idade como fator na sua escolha eleitoral.

Esta dissertação pretende contribuir para esta corrente florescente da literatura ao responder à seguinte pergunta: qual é o papel da idade na escolha eleitoral dos jovens? Esta dissertação tem, por isso, como objetivo e dentro do modelo de oferta-procura estabelecido na literatura (Norris e Lovenduski, 1995; Stockemer *et al.*, 2023), analisar o lado da procura de candidatos jovens por jovens em Portugal, aprofundando e enriquecendo a literatura no que toca às perspetivas dos próprios eleitores jovens. Para tal, proponho um modelo analítico que adapta os contributos das teorias do comportamento eleitoral e de género e da psicologia social e política. O argumento é que a ideologia (se o candidato é de esquerda ou direita), género (se é uma candidata ou um candidato) e discriminação estratégica (preferência por um candidato mas voto noutro candidato percecionado como mais elegível) aliada à perceção de competência política (onde se incluem critérios como a experiência, credibilidade e incumbência) são alguns dos fatores relevantes desta relação (Hughes, 2011; Celis e Erzeel, 2017; Joshi e Och, 2021; Corbett *et al.*, 2022; Belschner, 2024; Helimäki *et al.*, 2024; Lees e Praino, 2024; Sipinen *et al.*, 2024; Kato *et al.*, 2025).

Destes fatores surgiram as seguintes expectativas teóricas. Primeiramente, os participantes tenderão a demonstrar uma tendência ou para preferir candidatos jovens, ou apenas para desprezar candidatos mais velhos (Pomante e Schraufnagel, 2015; Webster e Pierce, 2019; Sevi, 2021; Eshima e Smith, 2022; Roberts e Wolak, 2023; Lees e Praino, 2024; McClean e Ono, 2024; Silva, 2024; Kurz *et al.*, 2025). Adicionalmente,

os participantes tenderão também a demonstrar uma preferência por candidatos em congruência com o seu espectro ideológico e/ou identificação partidária em detrimento da sua idade (Downs, 1957; Campbell *et al.*, 1960; Lees e Praino, 2024). É, também, expectável que as participantes mulheres tendem a preferir candidatas mulheres em detrimento da sua idade (Worlbrecht e Campbell, 2007; Shen e Shoda, 2021). Finalmente, existe a expectativa de que os jovens percecionem os candidatos jovens como sendo tão competentes quanto os candidatos mais velhos, mas que simultaneamente demonstrem uma perceção da desvalorização por parte da sociedade da competência dos mesmos, podendo influenciar a escolha eleitoral dos participantes (Bateson, 2020; Corbett *et al.*, 2022; Green *et al.*, 2022; Kato *et al.*, 2025). Para este efeito, foram recrutados jovens portugueses entre os 18 e os 30 anos de idade, com o objetivo posterior de participação em grupos focais de forma a investigar mais concretamente quais os fatores que possam estar a contribuir para a falta de jovens em cargos políticos.

Esta dissertação estrutura-se da seguinte forma. Na secção seguinte, correspondente ao Capítulo 1, apresenta-se o estado da arte, estabelecendo os conceitos principais, as circunstâncias que levaram à realização deste estudo, assim como as expectativas teóricas para o estudo. No Capítulo 2, são delineadas as metodologias e limitações da presente dissertação. Seguidamente, no Capítulo 3, são apresentados os resultados do estudo, bem como a discussão dos mesmos. No Capítulo 4, apresentam-se as conclusões. Finalmente, o Capítulo 5 e Capítulo 6 referem-se à bibliografia e aos apêndices, respetivamente.

Capítulo I – Revisão da Literatura

1.1. A Sub-Representação dos Jovens: Portugal e o Mundo

Os jovens adultos são um grupo extremamente sub-representado a nível mundial. Joshi (2015), analisando a composição dos parlamentos no sul asiático, aponta uma média de população jovem de quase 75% da população total, mas apenas pouco mais de 20% dos assentos parlamentares¹. Sundström e Stockemer (2021), na sua análise global, concluíram também que os cidadãos com idades inferiores a 35 anos estão sub-representados por um fator de 3, ou seja, existem em média 3 vezes mais cidadãos com idades inferiores a 35 na população total do que a sua proporção nos parlamentos a nível global, sub-representação essa que se atenua em relação a cidadãos com idades inferiores a 40 anos, apesar de se manter substancial com um fator de 2. Olhando para os gabinetes ministeriais, considerados o cargo político mais alto que se pode atingir num Estado, a sub-representação é ainda mais acentuada. Analisando os países da América Central e do Sul, Stockemer e Pauvif (2025) encontram uma sub-representação dos jovens com idade inferior a 35 anos superior a um fator de 12, e jovens com idade inferior a 40 com um fator superior a 5.

Olhando para os dados entre 2009 e 2025, em Portugal na Assembleia da República, essa sub-representação compreende-se entre um fator de cerca de 3 em 2022 e 5 em 2009 (PORDATA, 2025; referências das idades). Mais concretamente, se a representação dos jovens na Assembleia da República, aqui entendidos como cidadãos com idade inferior a 30 anos, fosse proporcional à sua presença na população total, no período entre 2009 e 2025 deveriam haver entre 36 a 40 deputados jovens, porém, na realidade, nesse período apenas houve entre 8 a 12 deputados jovens. No que toca à proporção de deputados jovens, Sundström e Stockemer (2021) referem que a Assembleia da República Portuguesa, na sua XIX legislatura (2011-2015), tinha uma proporção de deputados jovens de cerca de metade em relação à proporção de jovens na população². Olhando para a proporção de deputados eleitos com idade inferior a 30 anos, vemos que a sua relação proporcional é ainda mais grave. Como fica evidente na Figura 1, a relação proporcional entre a população total com idades entre os 15 e 29 anos, e os deputados eleitos com idade inferior aos 30 anos, nos últimos 15 anos tem oscilado entre 3 a 5 vezes menos. Isto é, houve 3 a 5 vezes menos deputados com menos de 30 anos de idade do que a proporção de cidadãos com essa idade na

¹ Importa ainda realçar que por jovens Joshi (2015) considera todos os cidadãos com idade inferior a 40 anos e que o sul asiático tem uma proporção de população jovem muito superior à proporção de população jovem no continente europeu.

² Sundstrom e Stockemer (2021) usam duas métricas diferentes para quantificar os cidadãos jovens: cidadãos com idade inferior a 35 anos de idade e cidadãos com idade inferior 40 anos de idade.

população total, cifrando-se em cerca de 4,5 vezes menos em 2025³ (Jalali *et al.*, 2024; Notícias ao Minuto, 2025; PORDATA, 2025).

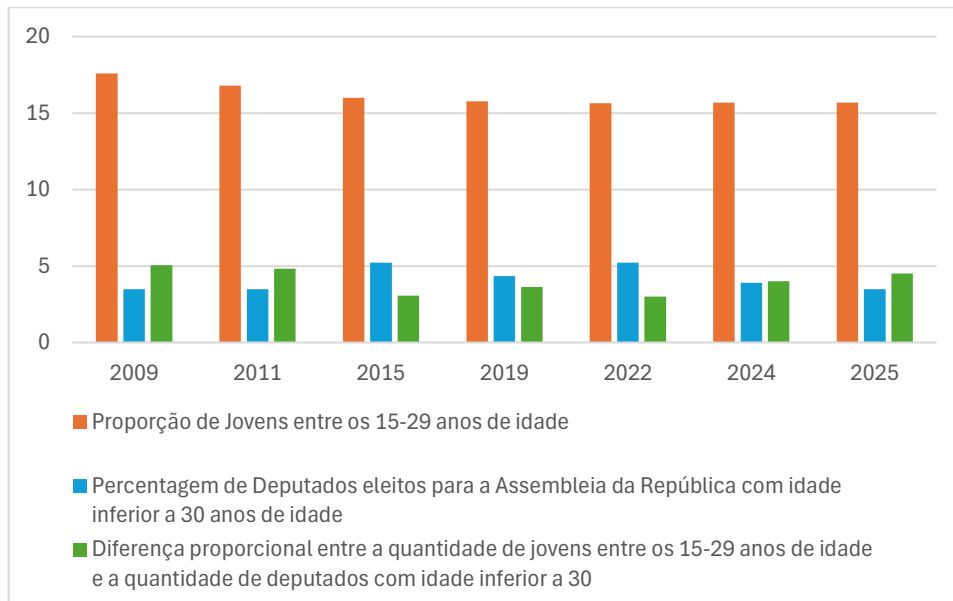


Figura 1.: Proporção de cidadãos com idade entre os 15-29 anos vs. Proporção de cidadãos com idade inferior a 30 anos. (Fonte: Jalali *et al.*, 2024; Notícias ao Minuto, 2025; PORDATA, 2025).

No que toca à Assembleia da República, a sua evolução é marcada por um profundo envelhecimento. Se em 1976 foram eleitos 84 jovens, em 2024 apenas foram eleitos 20 (Ferrinho Lopes e Silva, 2026). Por outro lado, os últimos 50 anos foram marcados por três fases distintas no que toca à evolução da representação dos jovens na Assembleia da República: um decréscimo acentuado nos primeiros 10 anos de democracia (até 1985); uma estabilização na proporção de jovens até 2011; e, finalmente, um decréscimo até 2024 (Ferrinho Lopes *et al.*, 2021; Ferrinho Lopes e Silva, 2026).

A nível municipal, fica também patente um envelhecimento significativo. Entre 1976 e 2021, a idade média de um Presidente da Câmara Municipal (PCM) aumentou de 43 anos para 52 anos de idade, e se em 1976 foram eleitos 47 PCMs com idade inferior a 35 anos, em 2021 apenas foram eleitos 3 (Ferrinho Lopes, 2025). As Assembleias Municipais, porém, apresentam-se como a única exceção a nível nacional, onde os jovens estão sistematicamente (ligeiramente) sobrerrepresentados (Ferrinho Lopes e Silva, 2026).

³ Estes dados são provisórios, calculados a partir dos dados sobre a população mais recentes disponíveis no site da PORDATA para 2023.

A nível ministerial, ao longo da história democrática portuguesa, apenas 12 ministérios foram liderados por indivíduos com idade inferior a 35, sendo a idade média de um ministro desde o início do séc. XXI superior aos 50 anos (Ferrinho Lopes *et al.*, 2021; Ferrinho Lopes e Silva, 2026). Tal como na Assembleia da República, a evolução da idade média dos ministros aparenta ter três padrões patentes: uma oscilação em torno dos 45 anos, nos primeiros 10 anos de democracia (até 1985); um envelhecimento significativo até 2009 (quase atingindo os 55 anos); e um ligeiro decréscimo até 2015 (Ferrinho Lopes *et al.*, 2021). No entanto, desde 1995 nenhum jovem tem ocupado um cargo ministerial em Portugal (Ferrinho Lopes *et al.*, 2021). Por fim, dos 236 eurodeputados portugueses enviados para o Parlamento Europeu, entre 1986 e 2019, apenas 27 eram jovens à data da eleição (Ferrinho Lopes *et al.*, 2021).

1.2. O Modelo Oferta-Procure

Tipicamente, a literatura sobre a representação política de grupos marginalizados aborda comunidades simultaneamente socialmente e politicamente excluídas, principalmente mulheres (por exemplo, Wolbrecht e Campbell, 2007; Campbell e Heath, 2017; Bauer, 2020; Schwarz e Coppock, 2021) e minorias étnicas (por exemplo, Griffin e Keane, 2006; Rocha *et al.*, 2010; Fraga, 2016; Martin e Blinder, 2021), mas também identidades numa ótica interseccional (Hughes, 2011; Celis e Erzeel, 2017; Joshi e Och, 2021; Shen e Shoda, 2021; Belschner, 2023; Belschner *et al.*, 2025).

A literatura sobre este tema divide-se, essencialmente, em dois blocos interligados mas distintos. O primeiro realça as características e fatores que rodeiam a *oferta* de candidatos jovens por parte dos partidos políticos, como, por exemplo, o processo de nomeação dos mesmos. Este é o bloco mais desenvolvido na literatura (Stockemer e Sundström, 2019a, 2019b, 2025b; Anlar, 2024; Stockemer e Anlar, 2024; Sipinen *et al.*, 2024; Stockemer *et al.*, 2024; Kosiara-Pedersen, 2025; Leininger e Mayer, 2025). Por outro lado, existe ainda um bloco cujo foco se prende com a *procura* de candidatos jovens pelo eleitorado, isto é, com as condições que levam um eleitor a votar num candidato jovem. É este modelo de oferta-procura, com ênfase na oferta, que tem marcado a investigação deste fenómeno.

Belschner (2024), analisando os 21 países da OCDE, encontra uma proporção de população jovem e candidatos jovens praticamente igual (27% e 25,2%, respetivamente), com um aumento muito significativo de candidatos jovens entre 2012-2019 quando comparado com 2005-2013 (de 20% para 25,2%). Havendo, então, uma proporção relativamente adequada de candidatos jovens (pelo menos nos países da OCDE), a literatura passa a tentar perceber as desvantagens estruturais que ser jovem acarreta e que têm levado a que poucos jovens sejam eleitos. Estas desvantagens podem ter a ver com aspetos formais (como sistemas

eleitorais), falta de recursos (nomeadamente políticos, financeiros ou temporais) a nível individual ou mesmo com o tipo de partido que tende a recrutar mais jovens para as suas listas (que tendem a ser partidos mais “marginais” que ganham menos assentos⁴)(Belschner, 2024; Sipinen *et al.*, 2024).

Neste seguimento, as perspectivas dos próprios eleitores jovens tem sido muitas vezes relegado para segundo plano. Se é certo que alguns autores encontram resultados robustos que indicam uma preferência por candidatos jovens abrangente, isto é, presente em várias faixas etárias incluindo os próprios jovens (McClean e Ono, 2024; Saito, 2025)⁵, outros autores não encontram esta mesma preferência (Eshima e Smith, Roberts e Wolak, 2023; Lees e Praino, 2024; Kurz *et al.*, 2025).

Nesse sentido, esta tese pretende contribuir para uma maior compreensão do fenómeno da falta de representação política jovem, analisando as perspectivas dos eleitores jovens sobre candidatos jovens sob a lente percetual da psicologia social e política, identificando novos possíveis rumos de investigação futura. Para tais efeitos, esta tese analisa os possíveis impactos da discriminação estratégica na escolha eleitoral dos jovens, a par de outros fatores tradicionais da literatura sobre a mesma, nomeadamente a ideologia e o género.

1.3. O Lado da Procura: O Que Sabemos sobre os Eleitores Jovens?

A sub-representação do segmento etário jovem nos vários quadros institucionais a nível mundial é uma questão que tem sido enfatizada ao longo da última década, sob o panorama da fraca participação política convencional dos mesmos (Gray e Caul, 2000; Blais *et al.*, 2004; Gallego, 2008; Sloam e Henn, 2017; Magalhães, 2022; Angelucci *et al.*, 2024), e comprovada extensivamente por vários autores, em particular Daniel Stockemer e Aksel Sundström (Stockemer, 2025; Stockemer e Anlar, 2024; Stockemer e Sundström, 2016, 2018; 2019a; 2019b, 2025a, 2025b; Stockemer e Pauvif, 2025; Stockemer *et al.*, 2024; Sundström e Stockemer, 2018, 2021). Nesta secção, irei apresentar alguns dados relativamente a este fenómeno, e, seguidamente, aprofundarei mais especificamente a questão da escolha eleitoral de candidatos jovens.

Primeiramente, é importante realçar que a preferência de eleitores jovens por candidatos jovens tem obtido resultados mistos na literatura (Pomante e Schraufnagel, 2015; Webster e Pierce, 2019; Sevi, 2021;

⁴ Apesar de alguns artigos, especialmente relativamente à representação descritiva das mulheres mas também dos jovens, apontarem partidos mais à esquerda como aqueles que tendem a apresentar mais candidatos jovens e aqueles que recolhem mais votos por parte deste eleitorado (Helimäki *et al.*, 2024; Kurz e Eternsperger, 2024), outros abordam o papel da ideologia mais extensivamente, mencionando a aptidão dos mais jovem em votar por partidos mais extremistas, tanto à esquerda como à direita (Zagórski, 2021; Biale e Zuccharelli, 2025).

⁵ Os estudos de McClean e Ono (2024) e Saito (2025) utilizam como caso de estudo o Japão, um país apelidado de gerontocracia devido o elevado grau de envelhecimento da sua população e dos seus representantes.

McClean e Ono, 2024; Silva, 2024). Apesar dos seus resultados modestos, Sevi (2021), no seu estudo sobre a escolha eleitoral de eleitores jovens em líderes partidários jovens, admite que estes estão em linha com os resultados obtidos na literatura relativa ao género e minorias étnicas. Outros autores ou não encontram uma afinidade em termos de idade, neste caso jovem, ou revelam uma maior aversão a candidatos mais velhos por parte de eleitores jovens (Eshima e Smith, 2022, Roberts e Wolak, 2023; Lees e Praino, 2024; Kurz *et al.*, 2025).

No entanto, analisar as preferências do eleitorado é um processo que requiere uma maior nuance. Expandindo com base nas teorias de identidade social e dominação social, Jost e Banaji (1994) avançam a sua teoria de justificação do sistema, criticando a forma como estas teorias percecionam a ordem social como algo imposto por um grupo e resistido pelos restantes. De acordo com esta teoria, a hierarquia social é mantida não só pelo favoritismo em relação ao próprio grupo (no caso do grupo dominante), mas também pela complacência dos grupos subordinados que perpetuam a desigualdade através de mecanismos como o *outgroup favoritism*, isto é, o favoritismo relativamente a grupos alheios ao grupo a que o cidadão pertence. Desta forma, os grupos subordinados justificam o *status quo* e legitimam o sistema prevalecente, pelo que se pode considerar que esta teoria presume também uma função paliativa pela qual os membros de grupos subordinados racionalizam o *status quo* de maneira a sentir-se melhor em relação ao mesmo (Jost *et al.*, 2004).

Olhando para a literatura sobre a representação de grupos politicamente marginalizados, especificamente as mulheres, esta nuance torna-se aparente. Tal como para a idade, a literatura encontra resultados mistos que tendem para uma preferência por candidatas mulheres (Schwarz e Coppock, 2021). Belschner *et al.* (2025), contraria os resultados nulos relativamente ao género do/a candidato/a em estudos observacionais, revelando uma preferência significativa no género do candidato por parte de 45% do eleitorado nas eleições lituanas de 2016, 29% por homens e 16% por mulheres. Apesar das preferências por mulheres serem uma minoria até dentro do conjunto de cidadãos com uma preferência marcada relativamente ao género do candidato, o facto de o efeito ser nulo implica que a preferência presente nesta porção do eleitorado possa ser mais forte do que a preferência da outra minoria dos eleitores por candidatos homens. Estes resultados demonstram, por isso, uma heterogeneidade relevante para a presente tese. Neste seguimento, Dolan e Lynch (2015), referem que uma quantidade substancial da amostra feminina recolhida no seu estudo (35%) considera que a representação política de mulheres nos Estados Unidos é satisfatória, ou deveria até ser mais reduzida, num contexto em que as mesmas estão muito significativamente sub-representadas.

1.3.1 Discriminação Estratégica e Percepção de Competência

No seguimento da introdução ao conceito de *outgroup favoritism*, a discriminação estratégica é um conceito cunhado por Regina Bateson (2020) que ocorre quando um eleitor hesita em apoiar um candidato devido à percepção de que outros eleitores opor-se-ão a algum aspeto da identidade do mesmo. Enquanto no que toca ao *outgroup favoritism* referimo-nos ao eleitor preferir, explicita ou implicitamente, candidatos não membros do grupo a que pertence, a discriminação estratégica é particularmente interessante para o estudo em questão pois baseia-se na premissa de que o eleitor tem efetivamente uma preferência por uma determinada característica dos candidatos que, posteriormente, não se traduz na sua escolha eleitoral. Ilustrativamente, Bateson (2020) refere que, em média, entre 1972 e 2010, 47% e 42% do eleitorado estadunidense estimam que os restantes cidadãos não votariam em uma mulher ou um candidato afro-americano, respetivamente, para a Presidência dos Estados Unidos da América (E.U.A), quando a fração “real”⁶, especialmente no final deste quadro temporal, era muitíssimo mais reduzida do que as percepções internalizadas.

Este conceito está, por isso, intimamente relacionado com o conceito de elegibilidade. Green *et al.* (2022) analisam este conceito especificamente sob essa ótica. Os autores mencionam que apesar de, abstratamente, existir uma preferência estatisticamente significativa por mulheres, esse padrão altera-se no que toca à elegibilidade, mesmo para os eleitores que mais discordaram de afirmações sexistas (Green *et al.*, 2022). Este artigo realça ainda a necessidade de diferenciar entre preferências de 1ª ordem, gerais e abstratas, referindo-se ao candidato que *o eleitor quer*, e preferências de 2ª ordem, por quem pode derrotar determinado candidato ou vencer determinada eleição, o que o eleitor acha que os *restantes eleitores querem* (Green *et al.*, 2022). Corbett *et al.* (2022), por outro lado, referem também a necessidade de distinguir as crenças de elegibilidade gerais e as crenças de elegibilidade específicas dos eleitores, alertando que as crenças de elegibilidade gerais, no caso do seu artigo relativamente à elegibilidade de uma mulher para o cargo da Presidência dos E.U.A, influenciam as percepções sobre a elegibilidade específica de uma candidata mulher dos mesmos, influenciando as suas intenções de voto. Por fim, Kato *et al.* (2025) descobrem ainda que, no caso japonês sobre a representação de mulheres, são precisamente estas que contribuem mais para a lógica da discriminação estratégica, ou seja, elas possuem a maior preferência por candidatas do mesmo género e, simultaneamente, a maior expectativa de que os restantes eleitores preferem candidatos homens⁷.

O estudo sobre o impacto da corrupção na escolha eleitoral é elucidativo no que toca a esta questão. Como vários autores puderam verificar, mesmo eleitores que se consideram contra a corrupção podem

⁶ Importa relevar que esta não é uma medida precisa da opinião pública estadunidense, sendo, não obstante, relevante no contexto das medidas registadas de enviesamento contra candidatas mulheres e candidatos afro-americanos.

⁷ Tanto no caso de Corbett *et al.* (2022) como no caso de Kato *et al.* (2025) estamos perante uma análise de conceitos análogos à discriminação estratégica inicialmente proposta por Bateson (2020), denominados de enviesamento pragmático e diferença preferência-expectativa, respetivamente.

eventualmente escolher votar num candidato aparentemente corrupto (Rosón, 2016; De Vries e Solaz, 2017, 2018; Krishnarajan, 2023; Magalhães *et al.*, 2025). Um destes artigos analisou concretamente as duas qualidades que mais tendem a impactar a perceção dos eleitores sobre os candidatos, a honestidade e a competência, na Costa Rica revelando que quase $\frac{1}{4}$ da amostra preferiria um candidato desonesto mas competente, e que os mais jovens e os homens são os dois grupos sociodemográficos que mais tendem a possuir essa preferência (Rosón, 2016). O artigo de Krishnarajan (2023) em particular conclui não só que os eleitores racionalizam a sua escolha eleitoral quando o candidato propõe políticas que lhe favorecem, ou seja, que estão de acordo com as suas perspetivas, mas também que os próprios se convencem de que, na realidade, este comportamento não constitui uma incoerência, alterando o seu “quadro percetual” de maneira a incluir ambos os fenómenos antagónicos. Relacionando esta descoberta com a literatura acima referida, é possível que um eleitor prefira abstratamente um candidato com determinadas características mas posteriormente essa preferência não se traduza na escolha eleitoral realizada.

Não obstante, importa ainda realçar a singularidade da idade como uma identidade transitória. Wigginton (2025) questionou a própria possibilidade de adaptar a idade ao conceito de representação descritiva, dadas as diferenças substanciais entre a idade e o género ou a etnia. Efetivamente, o género e a etnia como identidades partilham várias características entre si: são identidades fixas, pelo que a sua mudança ao longo da vida, sendo possível, é, na maioria dos casos, muito improvável; facilmente reconhecíveis, isto é, há diversas pistas visuais que aludem à identidade de uma pessoa como sendo mulher ou parte de uma minoria étnica; e ambos são grupos identitários discriminados com base nessa mesma identidade. A idade, apesar de partilhar algumas destas características, é uma identidade inevitável mas não fixa. Em algum momento todos fomos, somos ou seremos jovens adultos, e com o passar do tempo, eventualmente, deixamos de ser jovens. Para Wigginton (2025) esta distinção é fulcral, dado que quando grupos são discriminados com base no género ou na etnia, o simbolismo subjacente é a sua exclusão política permanente, enquanto que grupos discriminados com base na sua idade, neste caso jovens, eventualmente superarão esta discriminação.

Esta reflexão tem implicações relevantes para o estudo da discriminação estratégica relativamente à idade dos candidatos associada à teoria de justificação do sistema no sentido em que existe um incentivo para os jovens aceitarem o sistema com a vista a beneficiarem no futuro. Por outras palavras, de acordo com a teoria da justificação do sistema, os jovens poderão desvalorizar a idade dos candidatos como fator na sua escolha eleitoral pois apesar de pertencerem a um grupo marginalizado em termos de representação descritiva, sabem que eventualmente vão pertencer ao grupo dominante (Jost e Banaji, 1994; Jost *et al.*, 2004; Jost, 2019; Osborne *et al.*, 2019).

Esta expectativa de que os restantes eleitores opor-se-ão a algum aspeto da identidade do/a candidato/a, levou alguns investigadores a questionar os mecanismos que fomentam a mesma. Aliando a esta literatura a investigação na área da psicologia, Bauer (2020) menciona a importância do impacto dos estereótipos de género, nomeadamente de que não são adequadas para cargos políticos, no sucesso das candidaturas das mulheres, concluindo que as mesmas devem cumprir requisitos de qualificações mais árduos por parte dos eleitores de forma a superar estes estereótipos negativos. Estes requisitos acabam por confluir numa perceção de competência que é um fator crucial para o entendimento da escolha eleitoral no que toca à eleição de candidatos de grupos marginalizados numa ótica de discriminação estratégica.

1.3.2. Género

Não obstante, a perceção de competência integra um leque mais alargado de requisitos específicos e em mudança que estes grupos têm de cumprir de maneira a superar as barreiras impostas aos mesmos pelos estereótipos desenvolvidos relativamente à sua identidade. Um destes mecanismos prende-se com o que Belschner e Garcia de Paredes (2021) denominaram de Hierarquias de Representação (HoR). Abordando o fenómeno numa perspetiva de interseccionalidade identitária, as autoras procuraram perceber quem perde quando grupos minoritários ganham representação parlamentar. O que as autoras puderam constatar relativamente ao efeito das quotas simultâneas sobre o género e a idade, é que o efeitos destas é maioritariamente redistributivo, isto é, redistribui a representação das minorias a favor de mulheres jovens, não desafiando a maioria parlamentar de homens de meia-idade e mais velhos. Relativamente ao impacto das quotas na representação interseccional do género e etnia, Hughes (2011), utilizando uma base de dados que incluiu 81 países e mais de 300 minorias étnicas, raciais e religiosas, revela que a probabilidade de uma mulher pertencente a uma minoria ser eleita é abismal quando comparada com os restantes representantes, cerca de 1/14 quando comparada com um homem “maioritário” (homem branco mais velho), 1/3 de uma mulher “maioritária” (mulher branca mais velha) e metade de um homem pertencente a uma minoria.

No entanto, outros autores argumentam que, na realidade, uma mulher “minoritária” apresenta as características ideais para ser candidata. Do ponto de vista dos partidos, que tentarão preservar os seus incumbentes, na sua maioria homens brancos mais velhos, as mulheres “minoritárias”, muitas vezes jovens, representam algo a que Celis e Erzeel (2017) intitularam de “vantagem da complementaridade”. No fundo, ao ter uma candidata que preenche vários requisitos de representatividade ocupando apenas um lugar, os partidos tenderão a optar por este tipo de candidatos de modo a maximizar a sua representação cedendo o menor número de lugares possíveis. Consequentemente, os autores referem que isto representa uma situação em que ambos os lados beneficiam: os homens incumbentes, prioritários nas listas, parecem mais

apelativos a estes eleitorados, e as mulheres “minoritárias” beneficiam da legitimidade do seu estatuto como homem “maioritário”. Os candidatos não competem entre si, complementam-se, pelo que o *status quo* de uma maioria de homens brancos mais velhos nos parlamentos mantém-se. Joshi e Och (2021), que analisaram a idade e género de mais de 20.000 representantes de 78 assembleias nacionais, confirmam a presença desta vantagem, referindo que por cada 3 mulheres nos seus 20s presentes no parlamento são eleitos 4 homens, ao passo que por cada 2 mulheres nos seus 70s são eleitos 15 homens, ou seja, os eleitores tendem a eleger mais mulheres jovens.

A literatura não é, contudo, unânime. Belschner (2023), analisando as eleições autárquicas irlandesas de 2019, por exemplo, encontra uma vantagem significativa em ser jovem, especialmente para os homens, quando controladas a afiliação partidária e o estatuto político⁸. Neste caso ser jovem aparenta ser uma vantagem tanto para homens como mulheres, mas o género é uma desvantagem para as mulheres⁹. Os estudos de Shen e Shoda (2021) revelaram também uma preferência por candidatas mulheres quando se tratavam de candidatos com idade inferior a 35 anos. No entanto, enquanto que a intenção de votar num candidato homem aumentou à medida que se aumentava a idade, a de uma candidata mulher diminuiu. Wolbrecht e Campbell (2007) alertam, porém, para o efeito particularmente forte que a representação de mulheres no parlamento tem em eleitoras mulheres jovens, o que pode indicar uma maior preponderância destas para votar em candidatas mulheres independentemente da sua idade em detrimento de candidatos homens jovens.

1.3.3 Ideologia

O impacto da ideologia do partido na oferta de candidatos jovens tem apresentado resultados mistos. Se, por um lado, alguns autores encontram uma correlação significativa entre partidos de esquerda e verdes e a nomeação e eleição de candidatos jovens (Kurz e Etternsperger, 2024), outros encontram uma relação pouco significativa (Sundström e Stockemer, 2018) ou mesmo negativa no caso de Stockemer e Sundström (2019a), exceto para movimentos de bases de esquerda recentes como o partido Podemos na Espanha. Alguns autores consideram a dicotomia esquerda-direita demasiado simplista no que toca a representar a multidimensionalidade do espectro ideológico nas sociedades ocidentais (Caul, 1999; Sundström e

⁸ Por estatuto político a autora refere-se a quatro categorias: incumbente (venceu pelo menos uma eleição anteriormente a esta); incumbentes *co-opted* (assumiu o cargo sem ter de concorrer a eleições, um processo comum na Irlanda quando o lugar fica vago devido a demissões ou à morte da pessoa que assumiu o cargo antes dela); desafiadores com experiência (já concorreram em eleições ou já assumiram um *council seat* no passado); e novatos (Belschner, 2023).

⁹ Um ponto consensual na literatura relativa à representação descritiva é a importância e dependência do contexto específico para a relação entre a representação descritiva e o grupo em questão (Griffin e Keane, 2006; Rocha *et al.*, 2010; Fraga, 2016; Campbell e Heath, 2017). Por exemplo, dada a saliência que as questões de género obtiveram na altura, as eleições legislativas de 1992 no Reino Unido foi vista como uma eleição em que o contexto eleitoral favorecia a votação por parte do eleitorado feminino em candidatas mulheres (Campbell e Heath, 2017). O contexto particular poderá então afetar os resultados de Belschner (2023).

Stockemer, 2018). Biale e Zuccharelli (2025) ajudam na interpretação destes resultados realçando que, atualmente, os jovens em particular têm sofrido uma onda recente de polarização pela qual os homens jovens tendem a aproximar-se mais do conservadorismo, ao passo que as mulheres jovens tendem a aproximar-se mais das perspetivas progressistas tipicamente associadas ao segmento etário jovem. O ressurgimento de partidos de direita conservadora populista um pouco por toda a Europa, com forte apoio por parte do segmento etário jovem como verificado em Portugal (Cancela e Magalhães, 2025; Ferrinho Lopes, 2025), poderá significar que a correlação entre partidos de esquerda e verdes e a representação de grupos politicamente marginalizados, como mulheres e minorias étnicas, não se aplica igualmente para os jovens. Por estas razões, aplicar uma abordagem baseada em temas tipicamente associadas aos jovens (como as alterações climáticas, o casamento entre casais do mesmo sexo, etc.) poderá não ser a mais adequada.

Por outro lado, pode ser que a idade seja um fator secundário relativamente à ideologia. Hassel e Visalnavich (2024), focando-se na representação de mulheres e minorias étnicas, concluem que candidatos congruentes com a ideologia dos inquiridos são vistos como mais elegíveis. Roberts e Wolak (2023), confrontados com resultados muito modestos da idade na escolha eleitoral, teorizam também que os jovens possam preferir representação substantiva a representação descritiva e, consequentemente, que a ideologia se sobreponha à idade do candidato. Subsequentemente, Lees e Praino (2024) afirmam que quando os eleitores descobrem as políticas/ideologia do candidato, a idade deixa de ser relevante para a sua escolha eleitoral. Tal como foi mencionado anteriormente, é possível que um eleitor “ignore” uma dada característica de um determinado candidato caso proponha políticas que lhe favoreçam (Krishnarajan, 2023).

1.4 Expectativas Teóricas e Modelo Analítico

Recentrando na literatura relativa à representação descritiva com base na idade, a presença simultânea tanto de artigos que apresentam uma preferência de eleitores jovens por candidatos jovens (Webster e Pierce, 2019; Sevi, 2021; McClean e Ono, 2024; Silva, 2024), como apenas de desprezo de eleitores jovens por candidatos mais velhos (Eshima e Smith, 2022; Roberts e Wolak, 2023; Kurz *et al.*, 2025), ou seja, uma preferência idêntica entre candidatos jovens e candidatos de meia-idade, impõe a necessidade de consideração das seguintes expectativas: por um lado os eleitores jovens tenderão a preferir candidatos jovens para cargos políticos; ou, por outro lado, os eleitores jovens não demonstrarão uma preferência particular por candidatos jovens, apresentando apenas desprezo por candidatos mais velhos.

Já no que toca à ideologia, e de maneira a analisar este fator multidimensionalmente empregando tanto a teoria espacial do voto (Downs, 1957) como o modelo socio-psicológico do comportamento eleitoral (Campbell *et al.*, 1960), as expectativas teóricas resultantes são que, por um lado, os eleitores jovens tenderão a preferir candidatos em congruência com o seu espectro ideológico, bem como tenderão a preferir candidatos provenientes do partido com o qual têm maior afinidade e/ou militância independentemente da sua idade. Adicionalmente, esta tese possui a expectativa teórica de que as mulheres jovens tenderão a preferir candidatas mulheres independentemente da sua idade em detrimento de candidatos homens jovens.

Finalmente, as expectativas teóricas relativamente à discriminação estratégica e percepção de competência seguiriam a seguinte linha de raciocínio: 1) os eleitores jovens acreditam que os candidatos jovens são tão competentes quanto os candidatos mais velhos; 2) os eleitores jovens acreditam que a sociedade percebe os candidatos jovens como sendo menos competentes que os candidatos mais velhos; 3) a percepção dos eleitores sobre as crenças da sociedade relativamente à competência dos candidatos jovens afeta a sua escolha eleitoral. Por fim, deveremos também considerar a possibilidade de que, na realidade, os eleitores poderão mobilizar critérios diferentes aquando da avaliação dos candidatos com base na sua idade, pelo que utilizariam critérios distintos para avaliar candidatos jovens e candidatos mais velhos.

Ancorados os vários fatores e expectativas teóricas relevantes para o estudo em questão, proponho um modelo analítico da escolha eleitoral dos jovens. Este modelo, apelidado “modelo de funil”, procura enquadrar a escolha eleitoral como uma análise de candidatos seguindo critérios concretos por uma ordem pré-estabelecida. Nesse sentido, os vários fatores revelarão uma tendência hierárquica e condicional, pela qual certos fatores são analisados primeiro e apenas após conferir a congruência em termos desse fator avançamos para o próximo. Adaptando para a presente dissertação, esta proposta significa que os participantes tenderão a referir a importância de certos fatores apenas em relação a outros fatores, por exemplo, alguns participantes poderão referir que a apenas é importante quando o candidato é ideologicamente congruente aos mesmos. Este modelo analítico pretende contribuir para a compreensão do fenómeno da sub-representação descritiva dos jovens.

Capítulo II – Dados e Métodos

2.1. Grupos Focais, Características e Seleção da Amostra

De forma a contribuir para a literatura sobre a representação descritiva dos jovens, esta dissertação pretende esclarecer que percepções têm os jovens sobre os mecanismos mobilizados aquando da sua escolha eleitoral e de que forma estes mecanismos interagem com a idade do candidato. Para esse efeito, este estudo mobiliza alguns fatores, fundamentados na literatura, nomeadamente a ideologia/identificação partidária, o género e a discriminação estratégica aliada à percepção de competência. Destes fatores surgiram as seguintes expectativas teóricas. Primeiramente, os participantes tenderão a demonstrar uma tendência ou para preferir candidatos jovens, ou apenas para desprezar candidatos mais velhos (Pomante e Schraufnagel, 2015; Webster e Pierce, 2019; Sevi, 2021; Eshima e Smith, 2022; Roberts e Wolak, 2023; Lees e Praino, 2024; McClean e Ono, 2024; Silva, 2024; Kurz *et al.*, 2025). Adicionalmente, os participantes tenderão também a demonstrar uma preferência por candidatos em congruência com o seu espectro ideológico e/ou identificação partidária em detrimento da sua idade (Downs, 1957; Campbell *et al.*, 1960; Lees e Praino, 2024). É, também, expectável que as participantes mulheres tendem a preferir candidatas mulheres em detrimento da sua idade (Worlbrecht e Campbell, 2007; Shen e Shoda, 2021). Finalmente, existe a expectativa de que os jovens percecionem os candidatos jovens como sendo tão competentes quanto os candidatos mais velhos, mas que simultaneamente demonstrem uma percepção da desvalorização por parte da sociedade da competência dos mesmos, podendo influenciar a escolha eleitoral dos participantes (Bateson, 2020; Corbett *et al.*, 2022; Green *et al.*, 2022; Kato *et al.*, 2025).

Para estes fins, esta dissertação emprega uma metodologia qualitativa, concretamente grupos focais. O recurso aos grupos focais e não outra metodologia qualitativa (como, por exemplo, entrevistas) deve-se à presença crucial do elemento de interação e construção coletiva de opiniões por parte dos participantes com o potencial de revelar normas sociais, algo particularmente relevante no contexto desta dissertação onde foram analisadas também percepções sobre "o que os outros pensam", nomeadamente no que à discriminação estratégica diz respeito (Kitzinger, 1995; Morgan, 1997; Krueger e Casey, 2015).

O método de seleção dos participantes foi o seguinte. Foram enviados inquéritos pelo e-mail institucional para os alunos da Universidade do Minho, bem como partilhado nas redes sociais do autor, apelando à participação voluntária de jovens entre os 18 e 30 anos de idade. Este inquérito serviu para atingir uma amostra diversa em termos de idade ao longo da faixa etária delineada, de ideologia política e género e encontra-se descrito no Apêndice 3. Para além de questões relacionadas com as informações

pessoais do inquirido, foi incluída uma segunda parte com afirmações relacionadas com os fatores analisados neste estudo que os inquiridos responderam indicando o seu grau de concordância ao longo duma escala de Likert de 7 pontos, em que 1 significa “Discordo totalmente”, 7 significa “Concordo Totalmente” e 4 é uma opção neutra (ver Apêndice 1).

Foram recebidas 57 respostas ao inquérito, entre as quais três não incluíram um e-mail de forma a serem posteriormente contactadas para participar nos grupos focais, pelo que, para efeitos de participação nos grupos focais foram obtidas 54 respostas válidas. Adicionalmente, entre as 54 respostas válidas, cinco reportaram um posicionamento ideológico no centro absoluto da escala. Dada a saliência da ideologia para esta dissertação, optou-se pela exclusão destas respostas de forma a obter uma amostra de participantes mais heterógena entre os grupos focais, procurando não só uma maior clareza nas diferenças, mas também uma maior variação nas posições assumidas pelos mesmos, numa lógica de *purposive sampling*, isto é, sacrificando a representatividade da amostra foi intencionalmente escolhida uma amostra que facilitasse a comparação entre os grupos e aumenta-se a profundidade analítica (Morgan, 1997; Patton, 2002; Palinkas *et al.*, 2015). Inicialmente, e seguindo boas práticas académicas, procedeu-se a uma sobre-amostragem de 20% (Morgan, 1997), sendo contactadas, por isso, 24 pessoas, com o objetivo de recolher uma amostra de 20 jovens entre os 18 e 30 anos, divididos em quatro grupos de acordo com o seu género e posicionamento ideológico: mulheres de esquerda; mulheres de direita; homens de esquerda; e homens de direita (respetivamente). Não obstante os esforços do autor em termos de recrutamento de mais participantes bem como flexibilidade em termos de agendamento, apenas 15 pessoas participaram nos grupos focais, entre 6 de março e 11 de abril de 2026, quatro nos grupos de mulheres de esquerda, homens de esquerda e homens de direita e três no grupo de mulheres de direita, tendo sido contactadas 49 pessoas no total. Os grupos constituem-se como apresentado na Tabela 1.

Nome aleatório	Género	Posicionamento ideológico	Idade	Militante	Identificação partidária
“Helena”	Feminino	Esquerda	23	Não	Sim, Livre e Bloco de Esquerda
“Inês”	Feminino	Esquerda	23	Não	Sim, Bloco de Esquerda e Livre
“Luísa”	Feminino	Esquerda	24	Não	Sim, Livre

“Cláudia”	Feminino	Esquerda	26	Não	Sim, Livre
“Carolina”	Feminino	Direita	23	Não	Sim, Iniciativa Liberal
“Fátima”	Feminino	Direita	24	Sim, PSD	—
“Teresa”	Feminino	Direita	30	Não	Não
“Pedro”	Masculino	Esquerda	20	Sim, Bloco de Esquerda	—
“Lucas”	Masculino	Esquerda	23	Não	Sim, Bloco de Esquerda e Livre
“Filipe”	Masculino	Esquerda	25	Não	Sim, Livre
“Maurício”	Masculino	Esquerda	26	Não	Não
“Miguel”	Masculino	Direita	18	Não	Sim, CHEGA
“Dinis”	Masculino	Direita	21	Sim, PSD	—
“Luís”	Masculino	Direita	23	Não	Sim, Iniciativa Liberal
“Henrique”	Masculino	Direita	28	Sim, PSD	—

Tabela 1: Descrição dos Participantes nos Grupos Focais.

De maneira a auxiliar na execução dos mesmos, foi criado um guião que se encontra anexado no Apêndice 2. Os grupos focais foram realizados adotando as melhores práticas académicas. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo, a natureza da sua participação e os fins para a utilização dos seus dados, tendo sido obtido o consentimento informado antes do início das sessões para o uso dos mesmos. Adicionalmente, os dados foram anonimizados através do uso de nomes aleatórios e fictícios. A gravação as sessões foi, também, autorizada pelos participantes apenas para fins de transcrição e análise, estando os ficheiros correspondentes protegidos por *password*. Finalmente, tratando-se de temas políticos, todos participantes foram informados de que poderiam não responder a perguntas, bem como

desistir a qualquer momento, sem penalização. Os participantes receberam antecipadamente um documento simplificado com os temas a abordar ao longo da sessão, bem como exemplos de perguntas a serem realizadas. As sessões tiveram uma duração máxima de 100 minutos e foram efetuadas por Zoom e Microsoft Teams.

Passando agora para a codificação das sessões, a mesma seguiu um padrão misto, isto é, apesar de utilizar categorias baseadas na teoria (como a ideologia ou o género) foi permitido o surgimento de outras ao longo das sessões. As categorias principais de codificação, assim como a sua definição, subcategorias (quando aplicável) e exemplos estão presentes no Apêndice 10. Para a elaboração da codificação, foi feita uma análise manual em Word.

2.2. Limitações

2.2.1 Amostra e Método

Antes ainda de apresentar os resultados, ressalto a importância das limitações adjacentes ao presente estudo, cruciais para a interpretação dos mesmos. Primeiramente, a amostra recolhida não é representativa da população jovem e sofre de *self-selection bias* (Bethlehem, 2010). A amostra é composta por jovens, na sua grande maioria, politicamente envolvidos e, por isso, com maiores níveis de literacia política, sendo estes precisamente o segmento menos representativo dos jovens como faixa etária (Magalhães, 2022), o que poderá ter implicações nos resultados. Adicionalmente, a amostra é também pequena, ficando abaixo do convencional para grupos focais (Morgan, 1997; Krueger e Casey, 2015), o que tem também implicações para o *theory-building* proposto.

O próprio método utilizado acarreta também algumas consequências negativas no que toca às respostas recolhidas, nomeadamente a existência de *social desirability bias* (Fisher, 1993). A utilização de grupos focais de acordo com género e posicionamento no espectro ideológico pretendeu criar um ambiente de pessoas com pensamentos semelhantes, pretendendo mitigar o efeito deste viés nos resultados (Krueger e Casey, 2015). Não obstante, não deixa de ser possível a conformidade social, bem como a dominância por parte de alguns participantes nestes grupos (Kitzinger, 1995).

2.2.2 Análise, Inferências e Operacionalização de Conceitos

A codificação, feita apenas pelo autor, reduz a fiabilidade da análise, introduzindo um maior risco de enviesamento interpretativo e um maior grau de subjetividade na interpretação dos dados (Miles e Huberman, 1994; Saldaña, 2013). Não obstante, através da utilização consistente de critérios ao longo das várias transcrições, bem como a definição clara de categorias analíticas, procurou-se uma mitigação desta limitação.

É preciso assumir, também, que a presente dissertação baseia-se em perceções e discursos, pelo que as opiniões expressas podem não se refletir em comportamentos reais, ou seja, este estudo não oferece implicações concretas sobre decisões de voto (Jerolmack e Khan, 2014). Não é descartável, por exemplo, uma situação em que os eleitores mais propensos a votar em candidatos jovens independentemente de variações nos fatores aqui estudados sejam também os mais propensos a se absterem em atos eleitorais no geral ou, pelo menos, em eleições legislativas em particular, afetando a aplicabilidade dos resultados em contextos reais.

Seguidamente, a discriminação estratégica representa um conceito complexo e, por isso, difícil de operacionalizar, mas também de captar explicitamente (poucos participantes admitiriam abandonar as suas preferências por cálculo estratégico), existindo riscos de sobre-interpretação (Gerring, 2012). De maneira a mitigar este efeito, mas admitindo sempre a sua existência, a utilização subsequente da perceção de competência, um conceito relativamente mais simples de operacionalizar, permitiu captar mais facilmente a presença (ou não) deste fator no discurso.

2.2.3 Validade Interna

Apesar das técnicas qualitativas não conseguirem generalizar os resultados obtidos, para este fenómeno em particular parecem ser as mais adequadas de forma a poder obter informação mais aprofundada sobre os motivos pelos quais as preferências dos eleitores jovens não se têm traduzido na eleição de candidatos jovens. Nesse sentido, a presente dissertação valorizou prioritariamente a validade interna num esforço de *theory-building*. Contudo, o número reduzido de participantes tem implicações que limitam também a interpretação dos resultados, nomeadamente através da dificuldade em obter uma saturação teórica pela qual certos padrões identificados poderão refletir apenas dinâmicas específicas dos grupos analisados, em vez de tendências mais consistentes (Guest *et al.*, 2006). Apesar de todas estas limitações, a análise permitiu identificar padrões recorrentes nas discussões, sugerindo a existência de tendências relevantes entre os participantes, ainda que devam ser interpretadas com a devida cautela.

Na secção seguinte serão apresentados os resultados dos grupos focais, apoiados por citações ao longo da mesma. Estas citações foram selecionadas com o objetivo de evidenciar estes padrões recorrentes, utilizando citações representativas das perspetivas de vários participantes, ou exemplos ilustrativos e elucidativos de determinada perspetiva. De forma a realçar diferenças entre grupos, foram também incluídas citações contrastantes sempre que relevante para a interpretação dos resultados.

Capítulo III - Resultados

3.1 Predisposição para Votar em Candidatos Jovens

No que toca à predisposição dos jovens para votar em candidatos jovens, foi pedido aos participantes que refletissem sobre a presença de candidatos jovens nas listas partidárias em eleições legislativas, assim como, muito concretamente, a sua preferência (ou não) por candidatos jovens.

Os resultados tendem a confirmar os resultados da literatura que conclui que não existe uma preferência por candidatos jovens (Eshima e Smith, 2022; Roberts e Wolak, 2023; Lees e Praino, 2024; Kurz *et al.*, 2025) . Analisando os contributos obtidos nos grupos focais realizados, emergiu um padrão recorrente em torno da consciência da sub-representação dos jovens. No entanto, apesar dessa consciência, os participantes afirmaram ou que não votariam num candidato jovem apenas pela sua idade mas sim que a idade é um fator entre muitos outros fatores, ou que a idade não é um fator na sua escolha eleitoral de todo:

“Eu acho que todos nós estamos de acordo que existe pouca representatividade, não é? Quanto à questão de se estar disposto a votar em candidatos mais jovens. No geral, eu acho que a parte de ser mais jovem ou ser mais velho, ou seja a idade dos candidatos, é um fator entre vários. Podem existir milhares destes fatores que nos fazem, no geral, não votar mais (em) jovens necessariamente (...)” – Filipe, 25 anos, esquerda.

“Eu vou explicar isto de uma maneira muito simples, mas concreta. A idade não representa qualquer peso na minha decisão de voto.” – Luís, 23 anos, direita

Entre estes fatores, a ideologia foi o mais mencionado ao longo das várias sessões, seguido da competência do candidato:

“(…), eu não iria valorizar ter mais jovens se isso quereria dizer que eu estou a votar em alguém ou estou a eleger alguém com a qual eu não me identifico em termos de valores.” – Teresa, 30 anos, direita.

“(…) isso depende muito da ideologia. Porque eu posso dizer que até me sinto mais disposto a votar num candidato jovem, mas se vem um candidato jovem com uma ideologia que eu não concordo em absoluto, é lógico que eu não vou votar nele e prefiro votar num velhinho de 80 anos do que nele.” – Pedro, 20 anos, esquerda

3.2 Ideologia e Identificação Partidária

Passando, então, à análise da ideologia e identificação partidária como fator na escolha eleitoral dos jovens, foi articulada por vários participantes a ideia de que estas são fatores preponderantes na mesma. De maneira a suscitar reflexões sobre este tema, foi perguntado aos participantes sobre as suas perceções relativamente ao peso que a ideologia assume na sua escolha eleitoral em relação à idade, bem como problematizado dois cenários com candidatos ideologicamente semelhantes mas idades distintas, um mais jovem e outro mais velho. Relativamente a este ponto, os participantes nos grupos focais evidenciaram o facto de, apesar de haver uma realidade partilhada por cidadãos com base na idade, a ideologia ser um fator muito mais concreto em termos de ideais do que a idade:

“(...) obviamente que uma pessoa que é mais jovem percebe melhor os meus problemas e o que é importante para mim e o que eu considero que é importante mudar no país, mas eu acho que, independentemente disso, preferia uma pessoa com que eu me identificasse mais ideologicamente porque, no final, os nossos valores vão convergir, independentemente dessa pessoa ser jovem ou adulta (...)” – Inês, 23 anos, esquerda

“Eu sinto que a ideologia para mim é muito mais forte do que a idade. Eu não consigo estar a votar em alguém com que não concordo de todo com a ideologia só porque está na minha faixa etária.” – Fátima, 24 anos, direita

Porém, mesmo quando confrontados com a ideologicamente semelhantes, a resposta mais comum tendeu a ser oferecer outros fatores a considerar antes da idade do candidato, sem diferenças significativas a apontar entre grupos de acordo com género e ideologia, nomeadamente, a elegibilidade, capacidades pessoais e personalidade do mesmo, ou até o círculo eleitoral pelo qual este é candidato.

“(...) entre dois candidatos, um mais novo e um mais velho, eu não iria votar no que seja mais novo mas sim no que tenha mais carisma. Por exemplo, pode ser um candidato mais velho mas se tiver carisma, se tiver mais personalidade, eu iria votar nele (...)” – Miguel, 18 anos, direita

“(...) eu acho que depende mais da habilidade de discurso. Eu não acho que seja necessariamente uma relação direta de prefiro o mais velho ou prefiro o mais novo, eu acho que tem a ver com a forma como esse candidato se expõe e como expõe as ideias que tem (...)” – Inês, 23 anos, esquerda

3.3 Género

Por outro lado, do género como fator na escolha eleitoral outorgou resultados mistos. Para efeitos de análise deste fator, foi perguntado às participantes em grupos de mulheres, sobre as suas perceções relativamente à escolha eleitoral entre uma mulher independentemente da sua idade, ou um jovem independentemente do seu género. Surgiu uma diferença muito significativa entre as narrativas partilhadas pelas mulheres de esquerda e pelas mulheres de direita nos grupos focais, pela qual as mulheres de esquerda evidenciaram uma maior predisposição para votar em candidatas mulheres independentemente da sua idade do que as mulheres de direita (ver Apêndice 8d), com estas últimas a remeterem os fatores identitários (género e idade) para um lugar de irrelevância na sua escolha eleitoral.

Apesar da prevalência de várias narrativas distintas, parece haver uma maior prevalência de duas perspetivas. Por um lado, existe a perspetiva, presente particularmente no grupo focal de mulheres de direita, de que tanto a idade como o género são fatores relativamente irrelevantes entre os vários mobilizados para a escolha eleitoral, em particular quando considerada a ideologia:

“(...) eu acho que o género, para mim, (...) não é um critério tão importante como se calhar é a experiência, ideologia, ou até a idade” – Carolina, 23 anos, direita

“Eu não quero que esteja a votar numa mulher só porque é mulher e depois não vai de encontro àquilo que penso, às minhas ideologias. (...) É um acréscimo, mas não vejo isso como um fator determinante ao meu voto” – Fátima, 24 anos, direita

Por outro lado, existe ainda uma perspetiva, presente particularmente no grupo de mulheres de esquerda, em que, considerando dois candidatos ideologicamente semelhantes, os fatores identitários não só são importantes para a escolha eleitoral, como são hierárquicos, com o género a tomar a primazia, seguida da idade, enfatizando o carácter permanente da identidade feminina em contraste com o carácter transitório da identidade jovem. Estas perspetivas vão de encontro, em larga medida, aos resultados presentes em Dolan e Lynch (2015) e Helimäki *et al.* (2024).

“(...) 100% que eu ia votar numa mulher mais velha em vez de um rapaz mais novo. (...) Também porque são duas facetas da minha identidade que têm pesos diferentes não é? Nós tomamos certas decisões porque somos mulheres, certas decisões porque somos jovens, mas no final do dia acho que importa muito mais o facto de ser mulher, acho que isso afeta muito mais a minha vida (...)” – Cláudia, 26 anos, esquerda

“(...) eu acho que escolheria sempre a mulher porque em geral, a meu ver, as mulheres são sempre mais (...) equilibradas. Acho que representam sempre melhor a política e os valores humanos, que são muito importantes na política, do que os homens. (...) Portanto, se tiverem planos completamente iguais, ideológicos, de partido, (...) seria sempre uma mulher.” – Luísa, 24 anos, esquerda

3.4. Discriminação Estratégica e Perceção de Competência

Seguidamente, foi abordado o conceito de discriminação estratégica. Nesta secção abordamos as perceções dos participantes sobre a probabilidade de um candidato jovem ser eleito e as perceções dos mesmos sobre a perceção da sociedade em relação aos candidatos jovens, seguido de uma discussão em torno da existência ou não, nos participantes de critérios diferentes na avaliação de candidatos com base na sua idade. Finalmente, foi também abordada a perceção de competência dos participantes sobre os jovens, contrastando com a perceção da sociedade sobre a competência dos candidatos jovens.

Apesar da emergência de um repertório recorrente pelo qual os participantes percecionam os candidatos jovens como tendo uma menor probabilidade de ser eleitos, as narrativas que os participantes apresentaram foram mistas. Quando confrontados com este conceito, poucos participantes admitem abertamente que este fenómeno tenha impacto na sua escolha eleitoral explicitamente¹⁰, havendo outros que reconhecendo a existência deste fenómeno consideram não utilizar essa lógica, precisamente devido à reduzida importância que a idade constitui na sua escolha eleitoral. Por outro lado, os grupos com participantes que se identificaram à direita no espectro ideológico abordaram concretamente a importância

¹⁰ Apenas dois dos 15 participantes nos grupos focais admitiram que a sua perceção sobre este fenómeno tem afeta a sua escolha eleitoral, isto é, que os desincentiva de votar num candidato jovem, com os restantes participantes a considerarem-se não afetados pelo mesmo.

da representação subjetiva dos interesses dos jovens em detrimento da sua representação descritiva, utilizando como exemplo o candidato à eleição presidencial portuguesa de 2026, João Cotrim de Figueiredo, um candidato que, à data da eleição, tinha 64 anos de idade.

“(...) um exemplo das eleições presidenciais, por exemplo, o candidato João Cotrim (de Figueiredo) era ‘representante dos jovens’. (...) Portanto, acho que os jovens até preferem (...) apostar num candidato que tenha ideias jovens, mas que tenha mais experiência e que seja mais velho, porque depois também poderá agradar ao resto da população.” – Fátima, 24 anos, direita

“(...) Portugal é um país muito conservador e muitas vezes temos a ideia de que uma pessoa mais jovem (...) não vai ter as mesmas capacidades que uma pessoa que tem mais experiência. (...) eu sinto que isso tem bastante impacto para mim (...). Para mim, se eu sinto que um jovem não tem tantas hipóteses de ser eleito, eu vou votar numa pessoa mais velha que represente aquilo em que eu acredito” – Helena, 23 anos, esquerda

“Eu acho sinceramente que, no geral, as pessoas, principalmente nas eleições legislativas, votam muito pela sua ‘cor’. (...) Importam muito mais os partidos e o que os líderes partidários andam a dizer e a fazer (do que a idade). (...) Para mim, nunca me senti pressionado a usar nem voto estratégico, nem discriminação estratégica.” – Mauricio, 26 anos, esquerda

“(...) eu acho que os jovens eventualmente têm uma probabilidade reduzida de serem eleitos (...) e até eu posso ter esse viés de perceção de falta de experiência, ou de falta de conhecimento, ou de não estar preparados (...)” – Henrique, 28 anos, direita

De facto, analisando a questão da presença ou não de critérios diferentes para os candidatos com base na sua idade, a diferença entre as opiniões dos participantes de direita e os participantes de esquerda é marcada. Enquanto que a vários participantes de direita admitem utilizar exatamente os mesmos critérios para todos os candidatos independentemente da sua idade, admitindo explicitamente que isso possa prejudicar a sua avaliação dos candidatos mais jovens, vários participantes de esquerda articularam uma perspetiva de maior benevolência para com os candidatos mais jovens, atribuindo pesos diferentes aos critérios que utilizam de forma a nivelar a avaliação dos vários candidatos, ou utilizando critérios diferentes para analisar os mesmos:

“Acho que uso os mesmos, mas se calhar o facto de um ser mais velho ou de um ser mais jovem tem impacto na avaliação que eu faço nesses critérios. (...) acho que tendencialmente achamos que as pessoas mais velhas são mais competentes e que as pessoas mais novas têm mais convicção daquilo que estão a dizer. Portanto, o critério é igual, mas (não) a maneira como é avaliado. Pontuam de maneira diferente nos dois critérios.” – Mauricio, 26 anos, esquerda

“(...) (Acho) que sim, que uso os mesmos. Acho é que eventualmente os critérios que eu uso podem ser um bocadinho discriminadores. (...) Portanto eu diria que uso os mesmos critérios, esses critérios é que podem enviesar a minha escolha” – Henrique, 28 anos, direita

No que toca à perceção de competência, a opinião mais comumente articulada foi que a sociedade tende a desvalorizar a competência dos candidatos jovens, sem diferenças significativas entre géneros e posicionamentos ideológicos (ver Apêndices 8h e 9g), bem como uma perspetiva negativa relativamente à perceção da sociedade sobre a competência dos jovens.

Não obstante, as reações suscitadas por esta conjunção de fatores são distintas entre os grupos de participantes de direita e esquerda. Enquanto que nos grupos de direita surgiu uma narrativa de completa

neutralidade, isto é, a percepção de que estes fatores não têm qualquer impacto na escolha eleitoral, vários membros dos grupos de esquerda confessam que a sua perspetiva (negativa) da percepção da sociedade tem um impacto na sua escolha eleitoral, com referências tanto a um efeito positivo como negativo:

“Eu acho que a percepção da sociedade pode influenciar mas não na maneira que pensam, mais no sentido oposto, porque se eu vir um candidato que realmente considero competente e eu vir que a sociedade até está a desvalorizá-lo, isso vai me dar mais vontade de votar neste candidato e puxar por ele (...)” – Lucas, 23 anos, esquerda

“(...) eu tenho esta percepção que a sociedade votaria mais num candidato mais velho, e se eu precisar de votar num candidato para que a minha ideologia ganhe, vou votar no mais velho (...)” – Luísa, 24 anos, esquerda

“(...) se a percepção da sociedade influencia a minha escolha, novamente absolutamente nada. Não me deixo mesmo influenciar por esse tipo de percepções (...)” – Henrique, 28 anos, direita

No entanto, alguns participantes mencionaram ainda medidas em que os candidatos jovens são potencialmente mais competentes do que candidatos mais velhos:

“Sim, eu acho que os candidatos jovens são tão competentes quanto os candidatos mais velhos e mesmo dentro do quão subjetivo isto é, até porque eu acho que são competentes de formas diferentes e não acho que uma seja necessariamente melhor do que a outra, é aquela coisa clássica de que precisamos dos dois (...)” – Cláudia, 26 anos, esquerda.

“Eu acho que a percepção é que um candidato jovem não é tão competente quanto um candidato mais velho. E isto também pode ser puramente em experiência de vida, puramente em experiência oratória, experiência política (...). Agora, se estivermos a falar em competência, potencial de competência, potencial de fazer mais, potencial de pensar em coisas mais inovadoras, o potencial no geral, eu acho que sim, que um jovem tem muito mais potencial nesse aspeto e consegue ser muito mais competente do que um candidato muito mais velho.” – Teresa, 30 anos, direita.

3.5. O Papel (Secundário) da Idade na Escolha Eleitoral dos Jovens

No último tópico a ser abordado, foi pedido aos participantes um esforço de hierarquização dos vários fatores abordados ao longo da sessão. Existem, essencialmente, dois resultados-chave deste esforço. Por um lado, a ideologia foi veiculada pelos participantes como sendo o fator mais importante para a sua escolha eleitoral, independentemente do género ou posição no espectro ideológico dos mesmos. Por outro lado, ficou patente uma diferença substancial no modo como os participantes de direita e participantes de esquerda encaram os fatores identitários (género e idade). Enquanto vários participantes de direita igualam os fatores identitários na sua irrelevância, alguns participantes de esquerda ou priorizam o género em detrimento da idade (no caso das mulheres de esquerda), ou igualam o género e a idade como fatores impactantes, mas apenas após a ideologia e percepção de competência.

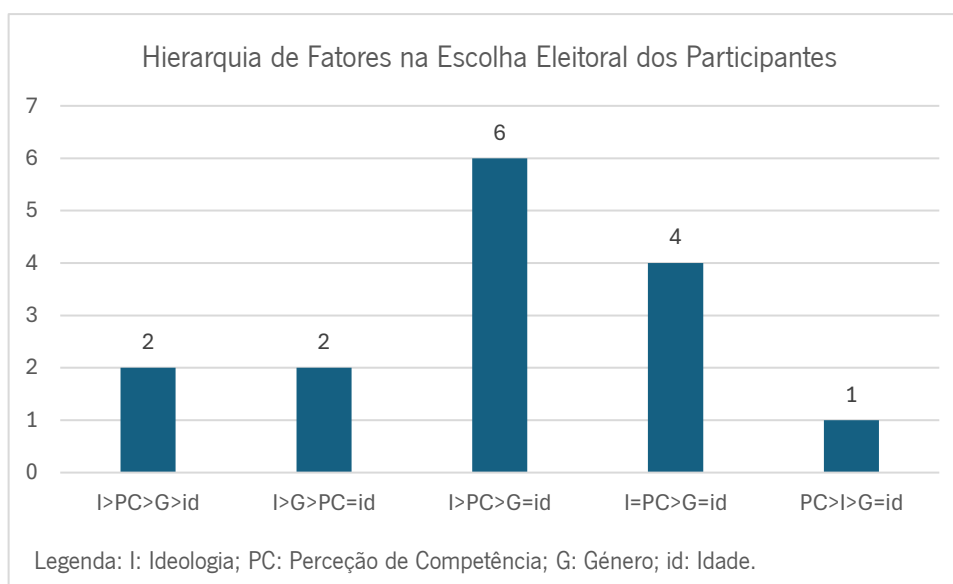


Figura 2: Hierarquia de Fatores na Escolha Eleitoral dos Participantes Jovens.

3.6. Discussão dos Resultados

No que à predisposição dos jovens para votar em candidatos jovens diz respeito, os resultados, em larga medida, corroboram o corpo de literatura que não encontra uma preferência significativa presente nos mesmos, tanto no inquérito como nos grupos focais (Eshima e Smith, 2022; Roberts e Wolak, 2023; Lees e Praino, 2024; Kurz *et al.*, 2025). Efetivamente a resposta mais comum dos participantes nos grupos focais foi que a idade não é um fator com qualquer impacto na sua escolha eleitoral, em particular nos grupos de direita, ou apenas foi referida uma aversão a candidatos muito mais velhos (acima dos 60 anos de idade). Este resultado representa uma implicação significativa no sentido em que, sendo a preferência por candidatos jovens uma preferência que deveria ser mais forte dentro dos eleitores membros desse grupo, como, de resto, acontece com outros grupos marginalizados como mulheres e minorias étnicas (Griffin e Keane, 2006; Wolbrecht e Campbell, 2007; Rocha *et al.*, 2010; Fraga, 2016; Campbell e Heath, 2017), o facto de não existir um resultado positivo robusto poderá indicar um menor sentido de “lealdade” para com esta característica identitária, ou uma secundarização da mesma em favor de outras características identitárias, evidenciada neste estudo no caso do grupo das mulheres de esquerda.

Já no que toca à análise dos restantes fatores relevantes para a escolha eleitoral dos jovens, a ideologia tendeu a afirmar-se como o fator predominante na escolha eleitoral dos participantes, sobrepondo-se à idade em todas as possíveis configurações de hierarquia de fatores nos grupos focais. Este resultado parece confirmar os resultados de Lees e Praino (2024) pela qual a idade se torna um fator irrisório quando considerada a ideologia do candidato. Existem, contudo, diferenças significativas entre os grupos relativamente à importância da idade quando comparada com a ideologia. Enquanto vários participantes nos grupos de direita, indicam que a idade é completamente irrelevante para a sua escolha eleitoral, alguns participantes dos grupos de esquerda referem que apesar da ideologia ser um fator predominante, a idade continua a ter impacto na sua escolha eleitoral, um resultado relativamente expectável tendo em conta a literatura relativamente ao género, no caso estadunidense, que encontra preferências por mulheres em eleitoras do Partido Democrata (Dolan e Lynch, 2015; Hassel e Visalnavych, 2024; Helimäki *et al.*, 2024; Saltzer e Mcgrath, 2024).

Passando, então, para a análise do género fator na escolha eleitoral dos candidatos jovens, é aqui que a dicotomia esquerda-direita se torna mais evidente. De facto, algumas participantes de direita afirmaram não olhar para nenhum fator identitário no âmbito da sua escolha eleitoral apesar de reconhecerem a sua sub-representação, enquanto várias participantes de esquerda parecem reconhecer uma maior importância destes fatores, em particular no que toca ao próprio fator do género. Estes resultados são importantes no sentido em que, apesar da literatura apontar que eleitoras mulheres de esquerda preferem mais candidatas

mulheres do que eleitoras mulheres de direita (Dolan e Lynch, 2015; Hassel e Visalnavych, 2024; Helimäki *et al.*, 2024; Saltzer e McGrath, 2024), estes resultados parecem indicar que as mulheres de esquerda consideram mais as características identitárias dos candidatos do que as mulheres de direita, isto é, importam-se mais com a sua representação descritiva em termos multidimensionais.

Seguidamente, a análise da discriminação estratégica, interligada para os efeitos deste estudo com a percepção de competência, obteve resultados maioritariamente em linha com as expectativas presentes na literatura. Tal como previsto na literatura (Jost e Banaji, 1994; Jost *et al.*, 2004; Jost, 2019; Osborne *et al.*, 2019), os grupos de direita manifestaram uma maior tendência a apresentar uma narrativa de preservação do *status quo*, não demonstrando (na sua maioria) *outgroup favoritism* explicitamente, mas deixando claro que a idade não é um fator a ter em conta aquando da escolha eleitoral, desvalorizando a questão da sub-representação dos jovens. Quando questionados mais concretamente sobre a percepção de competência dos candidatos jovens o padrão repetiu-se: vários participantes concordaram que os candidatos jovens são tão competentes quanto candidatos mais velhos e que a percepção da sociedade sobre a competência dos candidatos jovens é negativa, ou seja, a sociedade desvaloriza os candidatos jovens. Contudo, enquanto vários participantes de direita afirmaram que essa percepção não tem qualquer repercussão na sua escolha eleitoral, as respostas dos participantes de esquerda foram mistas, com alguns membros a afirmar uma maior vontade de votar pelo candidato jovem, outros a demonstrar um efeito nulo e a resposta mais frequente a conferir um efeito negativo. Estas heterogeneidades sugerem que dentro de uma amostra de jovens poderão haver disparidades relevantes a ter em conta, tal como se havia verificado na literatura relativamente à representação das mulheres (Dolan e Lynch, 2015; Belschner *et al.*, 2025).

Seguidamente, na hierarquização dos mecanismos, reforçou-se a narrativa de importância do género no grupo de participantes mulheres de esquerda, que sugeriu que o mesmo seria tido em conta antes da idade, ao passo que nos grupos de mulheres de direita a idade tendeu a ser igualada ao género na sua irrelevância. Concretiza-se, também, neste ponto a narrativa que distingue os grupos de esquerda e os grupos de direita, pela qual os grupos de direita recorrentemente consideraram a ideologia e a percepção de competência, ou a ideologia seguida da percepção de competência, como os únicos fatores relevantes para a sua escolha eleitoral, ao passo que os grupos de esquerda ressaltaram a importância dos fatores identitários para a sua escolha eleitoral, em particular as mulheres.

Conjugando todos os resultados obtidos neste estudo, os dados sugerem que os participantes não se constituem como um grupo monolítico. Efetivamente, este estudo não encontrou uma preferência dos participantes por candidatos jovens ou, pelo menos, não tendo em conta a ideologia, percepção de competência e/ou género (no caso das participantes mulheres de esquerda). Subsequentemente, não deixa

de ser importante relevar que os grupos tradicionalmente mais predispostos a votar em candidatos jovens e menos prováveis de cometer discriminação estratégica na sua escolha eleitoral (grupos de esquerda), aparentam ser os mais afetados pela perceção da sociedade sobre os candidatos jovens. Por outro lado, os grupos de direita tenderam a descartar a idade como fator na sua escolha eleitoral, afirmando uma narrativa pela qual preferem a sua representação subjetiva, ou seja, a representação das suas ideias, em detrimento da sua representação descritiva, mencionando concretamente o exemplo do candidato presidencial João Cotrim de Figueiredo, um candidato à altura já sexagenário. De facto, vários participantes concordaram, em larga medida, com a importância da representação substantiva, através da ideologia e/ou identificação partidária, sendo esta seguida, posteriormente, pela necessidade de representação descritiva apenas nos grupos de esquerda. Estes dados sugerem uma possibilidade teórica pela qual mesmo que existam candidatos jovens nas listas partidárias em posições elegíveis estes possam continuar a não ser eleitos devido a não cumprirem os requisitos que os eleitores priorizam aquando da sua escolha eleitoral. Um exemplo concreto de oferecido pelos membros dos grupos de direita foi o candidato às eleições para o Parlamento Europeu de 2024, Sebastião Bugalho, que, sendo jovem à altura da sua eleição (28 anos de idade), era também percecionado pelos participantes como sendo eloquente, congruente em termos ideológicos e experiente.

Finalmente, abordando as implicações que estes resultados têm para a investigação futura neste campo, estes resultados contribuem para uma alteração da forma como se analisa tanto a procura como a oferta de candidatos. Por um lado, os dados indiciam a possibilidade de que a oferta de candidatos jovens poderá não estar adequada às preferências do eleitorado, isto é, mesmo que hajam candidatos jovens suficientes e em lugares elegíveis nas listas em geral, dado que os fatores identitários apenas aparentam ser relevantes para os grupos de esquerda, este cenário pode não concretizar uma maior eleição de candidatos jovens. Por outro lado, relativamente aos estudos sobre a procura de candidatos jovens pelos eleitores, cujos resultados têm sido dispare e maioritariamente modestos, estes resultados recomendam a consideração da diversidade da faixa etária jovem de maneira a poder concluir sobre a presença (ou não) de preferências significativas em segmentos concretos do eleitorado jovem, similarmente à técnica utilizada por Belschner *et al.* (2025). Por último, os dados indiciam também a possível relevância em considerar a interação entre os vários fatores identitários de cada eleitor aquando da sua escolha eleitoral, de maneira a poder captar também possíveis “hierarquias de representação” (Belschner e Garcia de Paredes, 2021), tais como a que se revelou no presente estudo.

Capítulo IV - Conclusões

A sub-representação dos jovens a nível mundial apresenta-se como um fenómeno único. Por um lado, a idade é um dos preditores mais eficazes da participação política convencional, pela qual os eleitores jovens tendem a votar muito menos do que os seus concidadãos mais velhos (Gray e Caul, 2000; Blais *et al.*, 2004; Gallego, 2008; Sloam e Henn, 2017; Magalhães, 2022; Angelucci *et al.*, 2024). Por outro lado, a idade constitui uma categoria identitária distinta das tradicionalmente abordadas, como o género ou a etnia, na medida em que é uma identidade transitória, pelo que a pertença a este grupo não significa uma marginalização política permanente como acontece com os grupos anteriormente mencionados (Wigginton, 2025). De maneira a contribuir para a literatura sobre este fenómeno, esta tese pretendeu responder à seguinte pergunta: qual é o papel da idade na escolha eleitoral dos jovens?

Olhando para os jovens como o grupo teoricamente mais predisposto a votar em candidatos jovens, esta tese procurou um melhor entendimento relativamente dos fatores que têm levado a uma sub-representação dos mesmos, analisando as perspetivas de alguns jovens portugueses. Para esse efeito, foi elaborado um inquérito com vista à recolha de uma amostra de jovens para participar em grupos focais sobre este tema. Ao longo dos grupos focais, estratificados por género e posicionamento no espectro ideológico, foram abordadas várias temáticas nomeadamente a predisposição dos jovens para votar em candidatos jovens e a relação entre a idade e os vários fatores associados à escolha eleitoral, incluindo o conceito de discriminação estratégica pela qual um eleitor pode preferir um candidato com determinadas características identitárias mas não votar no mesmo devido à sua perspetiva sobre a perceção da sociedade relativamente a essas mesmas características (Jost e Banaji, 1994; Jost *et al.*, 2004; Jost, 2019; Osborne *et al.*, 2019).

Os resultados sugeriram uma realidade ligeiramente diferente da presente na literatura sobre o fenómeno. Primeiramente, os participantes nos grupos focais não demonstraram uma predisposição inerente para votar em candidatos jovens. Seguidamente, a ideologia apresentou-se como o fator predileto para a escolha eleitoral em todos os grupos, estando sistematicamente à frente da idade para todos os participantes, indicando uma tendência para considerar a idade irrelevante face à congruência ideológica e/ou partidária (no caso dos participantes militantes partidários), tal como previsto em Lees e Praino (2024). Adicionalmente, ficou patente uma aparente rutura entre as participantes de esquerda e as participantes de direita relativamente à importância dos fatores identitários na sua escolha eleitoral, em linha com os resultados presentes em Helimäki *et al.* (2024). Enquanto algumas participantes de esquerda tenderam a reafirmar a importância dos fatores identitários, indo mais longe a afirmando que o género se sobrepõe à idade na

maioria dos casos, várias participantes de direita consideraram que os fatores identitários têm um peso muito reduzido, se não nulo, na sua escolha eleitoral.

Seguidamente, os resultados relativamente à discriminação estratégica indiciam um possível efeito reduzido e restrito na escolha eleitoral dos jovens. Apesar de, tanto no inquérito como nos grupos focais, não aparentar existir uma preferência dos eleitores jovens por candidatos jovens em nenhum grupo em particular, os grupos de esquerda e de mulheres referiram a importância dos fatores identitários para a sua escolha eleitoral, se bem que apenas posteriormente à consideração de outros fatores (como a ideologia). Apesar de, quando questionados diretamente sobre a discriminação estratégica, os resultados tenderem para uma interpretação nula, quando abordada a mesma em relação à perceção de competência, ou seja, de forma implícita, os resultados são significativamente diferentes, tal como previsto na literatura (Jost, 2019; Osborne *et al.*, 2019). São precisamente os grupos de esquerda que demonstraram maiores efeitos associados à mesma. Curiosamente, estes grupos demonstraram uma tendência tanto para sofrer um efeito catalisador, isto é, sentirem uma maior vontade de apoiar o candidato de maneira a contrariar as perspetivas que têm da sociedade, como um efeito negativo de sentimento de desperdício do voto, com uma maior tendência para este último efeito. Nesse sentido, é possível estarmos perante um cenário pelo qual os eleitores com maior predisposição a votar em candidatos jovens, sofrem os efeitos mais negativos da discriminação estratégica, prejudicando a representação dos jovens em sede legislativa. É importante, contudo, não sobre-estimar estes dados.

Estes resultados albergam implicações significativas para a literatura. Como ficou evidente, os eleitores jovens não se constituem como um grupo monolítico e unidimensional. Existem diferenças substanciais entre os jovens de acordo com o seu género e posicionamento ideológico que afetam a sua predisposição para votar em candidatos da sua faixa etária. Nesse sentido, a escolha eleitoral dos jovens parece seguir um modelo de funil, hierárquico e condicional, pelo qual, na maioria dos casos, a congruência ideológica é verificada em primeiro lugar, seguida da perceção de competência e por último os fatores identitários apenas pelos eleitores de esquerda, com o género a sobrepor-se à idade no caso das mulheres de esquerda. Por outro lado, a discriminação estratégica parece ser também um mecanismo relevante a ter em conta aquando dos estudos de escolha eleitoral com base na idade. A maioria dos participantes tem uma perceção de menor elegibilidade e de desvalorização da competência por parte do restante eleitorado dos candidatos jovens que aparenta causar uma maior repercussão nos grupos de eleitores de esquerda, simultaneamente os grupos mais predispostos a considerar a idade na sua escolha eleitoral.

Não obstante, este estudo contempla várias limitações muito significativas do ponto de vista metodológico. Para além de todas as limitações presentes na secção correspondente, após a apresentação

dos resultados, a constituição da amostra por participantes, na sua maioria, politicamente sofisticados tem grandes implicações para os resultados, nomeadamente no que toca à importância da ideologia para a escolha eleitoral dos mesmos. Contudo, e apesar destas limitações, alguns resultados parecem ser importantes, nomeadamente a tendência revelada para não considerar a idade como um fator primário aquando da escolha eleitoral.

Olhando para uma perspetiva de investigação futura, os dados sugerem a necessidade de ter em conta esta diversidade no grupo dos jovens, tanto na literatura cujo foco é a procura dos eleitores como o estado da arte sobre a oferta de candidatos jovens. A primeira devido à possibilidade de diversidade dentro da faixa etária, que implica a também a possibilidade de captar possíveis preferências significativas presentes apenas em certos segmentos da mesma, tal como acontece na literatura relativamente ao género, por exemplo (Dolan e Lynch, 2015; Hassel e Visalnavych, 2024; Helimäki *et al.*, 2024; Saltzer e Mcgrath, 2024), e a última devido à possibilidade de, especialmente tendo em conta os resultados de Belschner (2024) que encontrou um quantidade de candidatos jovens quase proporcional à quantidade relativa de jovens na população dos 21 países da OCDE, existência de uma quantidade de candidatos jovens adequada, até em lugares elegíveis, mas não direcionada à porção do eleitorado mais predispostas a tomar esses fatores em consideração. Estudos quantitativos subsequentes poderão olhar precisamente para estas dicotomias ideológico-identitárias de forma a melhor poder categorizar o fenómeno da sub-representação dos jovens. Adicionalmente, a questão da "hierarquia de representação" (Belschner e Garcia de Paredes, 2021) pessoal na escolha eleitoral apresenta-se também como uma avenida de investigação profícua, tanto no que toca ao género e idade, como outras características identitárias tradicionais como a etnia. Finalmente, a presença e impacto da discriminação estratégica deve ser mais sistematicamente comprovada, de maneira a poder avaliar as suas consequências na escolha eleitoral dos jovens, em particular dos jovens de esquerda.

Capítulo V - Bibliografia

- Angelucci, D., Improta, M., Lachat, R. e Vittori, D. (2024). Time will Tear us Apart: European Electoral Participation Dynamic in Longitudinal Perspective. *Electoral Studies*, 90, 1-7. <https://doi.org/10.1016/j.electstud.2024.102819>
- Anlar, B. (2024). Time, Money, and Support: Exploring Young Adult Representation in State Legislatures. *Electoral Studies*, 91, 1-16. <https://doi.org/10.1016/j.electstud.2024.102845>
- Asenbaum, H. (2023). *The Politics of Becoming*. Oxford: Oxford University Press.
- Bateson, R. (2020). Strategic Discrimination. *Perspectives on Politics*, 18(4), 1068-1087. <https://doi.org/10.1017/S153759272000242X>
- Bauer, N. (2020). Shifting Standards: How Voters Evaluate the Qualifications of Female and Male Candidates. *Journal of Politics*, 82(1), 1-12. <https://doi.org/10.1086/705817>
- Belschner, J. (2023). Youth Advantage Versus Gender Penalty: Selecting and Electing Young Candidates. *Political Research Quarterly*, 76(1), 90-106. <https://doi.org/10.1177/10659129211072559>
- Belschner, J. (2024). Too Young to Win? Exploring the Sources of Age-Related Electoral Disadvantage. *Electoral Studies*, 88, 1-10. <https://doi.org/10.1016/j.electstud.2024.102748>
- Belschner, J. e Garcia de Paredes, M. (2021). Hierarchies of Representation: The Redistributive Effects of Gender and Youth Quotas. *Representation*, 57(1), 1-20. <https://doi.org/10.1080/00344893.2020.1778510>
- Belschner, J., Ibenskas, R. e Weiler, F. (2025). When do Voters Reveal Candidate Gender Preferences? Evidence from Individual-Level Ballot Data. *European Journal of Political Research*, 64(1), 430-441. <https://doi.org/10.1111/1475-6765.12679>
- Bethlehem, J. (2010). Selection Bias in Web Surveys. *International Statistical Review*, 78(2), 161-188. <https://doi.org/10.1111/j.1751-5823.2010.00112.x>
- Biale, E. e Zuccarelli, G. (2025). Empowering the Young in an Aging Democracy. *Critical Review of International Social and Political Philosophy*, 1-22. <https://doi.org/10.1080/13698230.2025.2541157>
- Blais, A., Gidengil, E., Nevitte, N. e Nadeau, R. (2004). Where Does Electoral Turnout Come From?. *European Journal of Political Research*, 43(2), 221-236. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6765.2004.00152.x>
- Campbell, A., Converse, P., Miller, W. e Stokes, D. (1960). *The American Voter*. Wiley.
- Campbell, R. e Heath, O. (2017). Do Women Vote for Women Candidates? Attitudes Towards Descriptive Representation and Voting Behaviour in the 2010 British Election. *Politics and Gender*, 13(2), 209- 231. <https://doi.org/10.1017/S1743923X16000672>
- Cancela, J. (2012). *Associativismo e Participação Política: O Caso Português (2006-2009)* (<http://hdl.handle.net/10362/7371>) [Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório da Universidade Nova de Lisboa.

Cancela, J. e Vicente, M. (2019). *Abstenção e Participação Eleitoral em Portugal: Diagnóstico e Hipóteses de Reforma*. Câmara Municipal de Cascais.

Cancela, J., Rezende-Matias, A. e Santana-Pereira, J. (2024). Abstenção em Portugal no Século XXI: Fatores Explicativos da Participação nas Eleições Legislativas em Perspetiva Longitudinal. Em M. Costa-Lobo & A. Espírito-Santo (eds.), *O Eleitorado Português no Séc. XXI* (pp.25-49). Lisboa: Tinta-da-China

Caul, M. (1999). Women's Representation in Parliament: The Role of Political Parties. *Party Politics*, 5(1), 79-98. <https://doi.org/10.1177/1354068899005001005>

Celis, K. e Erzeel, S. (2017). The Complementarity Advantage: Parties, Representativeness and Newcomer's Access to Power. *Parliamentary Affairs*, 70(1), 43-61. <https://doi.org/10.1093/pa/gsv043>

Corbett, C., Voelkel, J., Cooper, M. e Willer, R. (2022). Pragmatic Bias Impedes Women's Access to Political Leadership. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 119(6), 1-11. <https://doi.org/10.1073/pnas.2112616119>

De Vries, C. e Solaz, H. (2017). The Electoral Consequences of Corruption. *Annual Review of Political Science*, 20, 391-408. <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-052715-111917>

De Vries, C. e Solaz, H. (2018). Corruption and Electoral Accountability: Avenues for Future Research. *Emerging Trends in the Social and the Behavioral Sciences*, 1-13. <https://doi.org/10.1002/9781118900772.etrds0444>

Dolan, K. e Lynch, T. (2015). Making the Connection? Attitudes about Women in Politics and Voting for Women Candidates. *Politics, Groups and Identities*, 3(1), 111-132. <https://doi.org/10.1080/21565503.2014.992796>

Downs, A. (1957). *An Economic Theory of Democracy*. Nova Iorque: HarperCollins.

Eshima, S. e Smith, D. (2022). Just a Number? Voter Evaluations of Age in Candidate-Choice Experiments. *Journal of Politics*, 84(3), 1-27. <https://doi.org/10.1086/719005>

Ferrinho Lopes, H., Silveira, P. e Lopes, A. (2021). *Sub-Representação de uma Geração: Jovens na Assembleia da República, Governo e Parlamento Europeu (1976-2019)*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Ferrinho Lopes, H. e Silva, P. (forthcoming). *The Higher the Office, the Narrower the Path? Youth Political Representation in Portugal*. Em K. R. Kurz e B. Anlar (eds.) *Youth Political Representation - A Global Perspective on Young Adults' Presence in Political Institutions*. London: Palgrave.

Fisher, R. (1993). Social Desirability Bias and the Validity of Indirect Questioning. *Journal of Consumer Research*, 20(2), 303-315. <https://doi.org/10.1086/209351>

Fraga, B. (2016). Redistricting and the Causal Impact of Race on Voter Turnout. *Journal of Politics*, 78(1), 19-34. <https://doi.org/10.1086/683601>

Freire, A. e Magalhães, P. (2002). *A Abstenção Eleitoral em Portugal*. Imprensa de Ciências Sociais.

Gallego, A. (2008). Unequal Political Participation in Europe. *International Journal of Sociology*, 37(4), 10-25. <https://doi.org/10.2753/IJS0020-7659370401>

Gerring, J. (2012). *Social Science Methodology: A Unified Framework*. Cambridge: Cambridge University Press.

Gray, M. e Caul, M. (2000). Declining Voter Turnout in Advanced Industrial Democracies, 1950 to 1997: The Effects of Declining Group Mobilization. *Comparative Political Studies*, 33(9), 1091-1122. <https://doi.org/10.1177/0010414000033009001>

Green, J., Schaffner, B. e Luks, S. (2022). Strategic Discrimination in the 2020 Democratic Primary. *Public Opinion Quarterly*, 86(4), 886-898. <https://doi.org/10.1093/poq/nfac051>

Griffin, J. e Keane, M. (2006). Descriptive Representation and the Composition of African American Turnout. *American Journal of Political Science*, 50(4), 998-1012. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5907.2006.00229.x>

Guest, G., Bunce, A. e Johnson, L. (2006). How Many Interviews are Enough? *Field Methods*, 18(1), 59-82. <https://doi.org/10.1177/1525822X05279903>

Hassel, H. e Visalvanich, N. (2024). Perceptions of Electability: Candidate (and Voter) Ideology, Race, and Gender. *Political Behavior*, 46, 2075-2098. <https://doi.org/10.1007/s11109-023-09909-3>

Helimäki, T., Sipilinen, J., Söderlund, P. e von Schoultz, Å. (2024). Voting for a Woman: Ideology and Gendered Candidate Choice in Finland. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, 34(3), 448-465. <https://doi.org/10.1080/17457289.2023.2189726>

Hughes, M. (2011). Interseccionalidad, Quotas, and Minority Women's Political Representation Worldwide. *American Political Science Review*, 105(3), 604-620. <https://doi.org/10.1017/S0003055411000293>

Jalali, C., Silva, P. e Costa, E. (2024). Youth with Clipped Wings: Bridging the Gap from Youth Recruitment to Representation in Candidate Lists. *Electoral Studies*, 88, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.electstud.2024.102767>

Jerolmack, C. e Khan, S. (2014). Talk is Cheap: Ethnography and the Attitudinal Fallacy. *Sociological Methods and Research*, 43(2), 178-209. <https://doi.org/10.1177/0049124114523396>

Joshi, D. (2015). The Inclusion of Excluded Majorities in South Asian Parliaments: Women, Youth, and the Working Class. *Journal of Asian and African Studies*, 50(2), 223-238. <https://doi.org/10.1177/0021909614521414>

Joshi, D. e Och, M. (2021). Early Birds, Short Tenures, and the Double Squeeze: How Gender and Age Intersect with Parliamentary Representation. *Politics, Groups and Identities*, 9(3), 629-645. <https://doi.org/10.1080/21565503.2019.1629319>

Jost, J. e Banaji, M. (1994). The Role of Stereotyping in System-Justification and the Production of False Consciousness. *British Journal of Social Psychology*, 33(1), 1-27. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1994.tb01008.x>

Jost, J., Banaji, M. e Nosek, B. (2004). A Decade of System Justification Theory: Accumulated Evidence of Conscious and Unconscious Bolstering of the Status Quo. *Political Psychology*, 25(6), 881-919. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2004.00402.x>

- Kato, G., Lu, F. e Endo, M. (2025). The Preference-Expectation Gap in Support for Female Candidates: Evidence from Japan. *Public Opinion Quarterly*, 89(1), 217-228. <https://doi.org/10.1093/poq/nfaf002>
- Kitzinger, J. (1995). Qualitative Research: Introducing Focus Groups. *BMJ*, 311(7000), 299-302. <https://doi.org/10.1136/bmj.311.7000.299>
- Kosiara-Pedersen, K. (2025). The Hourglass, Pyramid and Equality Models of Youth Representation. *European Political Science*. <https://doi.org/10.1057/s41304-025-00553-5>
- Krishnarajan, S. (2023). Rationalizing Democracy: The Perceptual Bias and (Un)Democratic Behavior. *American Political Science Review*, 117(2), 1-23. <https://doi.org/10.1017/S0003055422000806>
- Krueger, R. e Casey, M. (2015). *Focus Groups: A Practical Guide for Applied Research*. Londres: SAGE Publications.
- Kurz, K. e Ettersperger, F. (2024). Exploring the Conditions for Youth Representation: A Qualitative Comparative Analysis of Party Parliamentary Groups. *European Political Science*, 23, 349-397. <https://doi.org/10.1057/s41304-023-00460-7>
- Kurz, K., Wurthmann, L. e Gross, M. (2025). The Influence of Age on Citizens' Preferences for Age-Related Descriptive Representation. *Politics and Governance*, 13, 1-18. <https://doi.org/10.17645/pag.9251>
- Lees, C. e Praino, R. (2024). Young Voters, Older Candidates and Policy Preferences: Evidence from Two Experiments. *International Political Science Review*, 45(2), 278-298. <https://doi.org/10.1177/01925121221139544>
- Leininger, A. e Mayer, S. (2025). Unequal Participation Among Youth and Immigrants: An Overview. *Politics and Governance*, 13, 1-7. <https://doi.org/10.17645/pag.10364>
- Magalhães, P. (2001). Desigualdade, Desinteresse e Desconfiança: A Abstenção nas Eleições Legislativas de 1999. *Análise Social*, 35(157), 1079-1093. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2001157.09>
- Magalhães, P. (2022). A Participação Política da Juventude em Portugal: Um Retrato Comparativo e Longitudinal, 2002-2019 (Relatório No. 1). Fundação Calouste Gulbenkian. https://cdn.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2022/03/Relato%CC%81rio-01final_red.pdf
- Magalhães, P., Sousa, L., Garoupa, N. e Costa-Lopes, R. (2025). Out-party, Out of Luck: Partisan Biases in Public Support for Due Process in Corruption Investigations. *Political Psychology*, 00, 1-19. <https://doi.org/10.1111/pops.70063>
- Mansbridge, J. (1999). Should Blacks Represent Blacks and Women Represent Women? A Contingent "Yes". *Journal of Politics*, 61(3), 628-657. <https://doi.org/10.2307/2647821>
- Martin, N. e Blinder, S. (2021). Biases at the Ballot Box: How Multiple Forms of Voter Discrimination Impede the Descriptive and Substantive Representation of Ethnic Minority Groups. *Political Behavior*, 43, 1487-1510. <https://doi.org/10.1007/s11109-020-09596-4>
- McClean, C. e Ono, Y. (2024). Too Young to Run? Voter Evaluations of the Age of Candidates. *Political Behavior*, 46, 2333-2355. <https://doi.org/10.1007/s11109-024-09920-2>
- Miles, M. e Huberman, A. (1994). *Qualitative Data Analysis: An Expanded Sourcebook*. Londres: SAGE Publications.

- Morgan, D. (1997). *Focus Groups as Qualitative Research*. Londres: SAGE Publications.
- Notícias ao Minuto. (2025, 19 de maio). *Deputada mais jovem da AR tem 21 anos. Quem são os sub-30 do Parlamento?* <https://www.noticiasao minuto.com/politica/2789362/deputada-mais-jovem-da-ar-tem-21-anos-quem-sao-os-sub-30-do-parlamento>
- Palinkas, L., Horwitz, S., Green, C., Wisdom, J., Duan, N. e Hoagwood, K. (2015). Purposeful Sampling for Qualitative Data Collection and Analysis in Mixed Method Implementation Research. *Administration and Policy in Mental Health and Mental Health Services Research*, 42, 533-544. <https://doi.org/10.1007/s10488-013-0528-y>
- Patton, M. (2002). *Qualitative Research and Evaluation Methods*. Londres: SAGE Publications.
- Phillips, A. (1995). *The Politics of Presence*. Oxford and New York: Oxford University Press.
- Pitkin, H. (1967). *The Concept of Representation*. University of California Press.
- Pomante II, M. e Schraufnagel, S. (2015). Candidate Age and Voter Turnout. *American Politics Research*, 43(3), 479-503. <https://doi.org/10.1177/1532673X14554829>
- PORDATA. (2026). *População Residente: Total e por Grupo Etário*. <https://www.pordata.pt/portugal/populacao+residente+total+e+por+grupo+etario-10>
- Rocha, R., Tolbert, C., Bowen, D. e Clark, C. (2010). Race and Turnout: Does Descriptive Representation in State Legislatures Increase Minority Voting?. *Political Research Quarterly*, 63(4), 890-907. <https://doi.org/10.1177/1065912910376388>
- Roberts, D. e Wolak, J. (2023). Do Voters care about the Age of their Elected Representatives?. *Political Behavior*, 45, 1959-1978. <https://doi.org/10.1007/s11109-022-09802-5>
- Rosón, M. (2016). I Prefer the Corrupt One: A Profile of Citizens who Choose Dishonest but Competent Politicians. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, 153, 77-92. <http://dx.doi.org/10.5477/cis/reis.153.77>
- Saito, H. (2025). Voter Evaluations of Youth Politicians: A Conjoint Experiment of Candidates' Young Age in Japan. *Journal of Applied Youth Studies*, 8, 363-382. <https://doi.org/10.1007/s43151-025-00177-y>
- Saldaña, J. (2013). *The Coding Manual for Qualitative Researchers*. Londres: SAGE Publications.
- Schwarz, S. e Coppock, A. (2022). What Have We Learned about Gender from Candidate Choice Experiments? A Meta-Analysis of Sixty-Seven Factorial Survey Experiments. *Journal of Politics*, 84(2), 655-668. <https://doi.org/10.1086/716290>
- Schwindt-Bayer, L. e Mishler, W. (2005). An Integrated Model of Women's Representation. *Journal of Politics*, 67(2), 407-428. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2508.2005.00323.x>
- Sevi, S. (2021). Do Young Voters Vote for Young Leaders?. *Electoral Studies*, 69, 1-8. <https://doi.org/10.1016/j.electstud.2020.102200>

Shen, Y. e Shoda, Y. (2021). How Candidates' Age and Gender Predict Voter Preference in a Hypothetical Election. *Psychological Science*, 32(6), 934-943. <https://doi.org/10.1177/0956797620977518>

Silva, B. (2024). No Votes for Older Men: Leaders' Age and Youth Turnout in Comparative Perspective. *European Journal of Political Research*, 64(1), 276-295. <https://doi.org/10.1111/1475-6765.12694>

Sipinen, J., Belschner, J. e Anlar, B. (2024). Age Gaps in Political Representation: Comparing Local and National Elections. *Electoral Studies*, 88, 1-13. <https://doi.org/10.1016/j.electstud.2024.102763>

Sloam, J. e Henn, M. (2017). The Silent Revolution in Youth Political Engagement: The Rise of Young Cosmopolitans in Britain. Em J. Sloam e M. Henn (Eds.), *Youthquake 2017: The Rise of Young Cosmopolitans in Britain* (1ª ed., pp. 43-70). Springer.

Stockemer, D. (2025). Political Parties and Youth's Political (Under) Representation. *European Political Science*, 24(4), 826-830. <https://doi.org/10.1057/s41304-025-00521-z>

Stockemer, D. e Anlar, B. (2024). The Political Representation of Young Adults: Explaining Youth's Underrepresentation in Parties, Candidacies and Parliaments. *Electoral Studies*, 90, 1-4. <https://doi.org/10.1016/j.electstud.2024.102836>

Stockemer, D. e Sundström, A. (2016). *Can Institutions Pave the Way for the Young? Electoral Systems and Age Representation in Parliament* (Working Paper Series 2016:2). <http://hdl.handle.net/2077/41935>

Stockemer, D. e Sundström, A. (2018). Age Representation in Parliaments: Can Institutions Pave the Way for the Young?. *European Political Science Review*, 10(3), 467-490. <https://doi.org/10.1017/S1755773918000048>

Stockemer, D. e Sundström, A. (2019a). Young Deputies in the European Parliament: A Starkly Underrepresented Age Group. *Acta Politica*, 54, 124-144. <https://doi.org/10.1057/s41269-018-0078-0>

Stockemer, D. e Sundström, A. (2019b). Youth's Underrepresentation in the European Parliament: Insights from Interviews with Young Members of the European Parliament (MEPs). *Intergenerational Justice Review*, 5(1), 4-8. <https://doi.org/10.24357/igjr.5.1.730>

Stockemer, D. e Sundström, A. (2025a). Age Inequalities in Political Representation: A Review Article. *Government and Opposition*, 60(1), 271-288. <https://doi.org/10.1017/gov.2023.11>

Stockemer, D. e Sundström, A. (2025b). 'Do Young Legislators Face Age-Based Discrimination in Parliament? Views from Young MPs across the Globe'. *Journal of Youth Studies*, 28(8), 1315-1332. <https://doi.org/10.1080/13676261.2024.2359100>

Stockemer, D., Gallant, K., Lewis, S., Deom, J.C. e Lam, C. (2024). Youth's Low Presence in Parliament: The Perspective of Candidates and Elected Representatives. *Politics, Groups and Identities*, 12(3), 616-636. <https://doi.org/10.1080/21565503.2023.2224762>

Stockemer, D. e Pauvif, F. (2025). Youth Representation in Cabinets in Latin America. *Bulletin of Latin American Research*, 44(4), 353-365. <https://doi.org/10.1111/blar.70011>

Sundström, A., & Stockemer, D. (2018). Youth Representation in the European Parliament: The Limited Effect of Political Party Characteristics. *Intergenerational Justice Review*, 4(2), 68-78. <https://doi.org/10.24357/igjr.4.2.696m>

Sundström, A. e Stockemer, D. (2021). Conceptualizing, Measuring, and Explaining Youths' Relative Absence in Legislatures. *PS: Political Science & Politics*, 54(2), 195-201. <https://doi.org/10.1017/S1049096520000906>

Webster, S. e Pierce, A. (2019). Older, Younger, or More Similar? The Use of Age as a Voting Heuristic. *Social Science Quarterly*, 100(3), 635-652. <https://doi.org/10.1111/ssqu.12604>

Wigginton, M. (2025). Why Does a Legislator's Age Matter? Re-Conceptualising Youth Representation. *Representation*, 1-18. <https://doi.org/10.1080/00344893.2025.2543413>

Wolbrecht, C. e Campbell, D. (2007). Leading by Example: Female Members of Parliament as Political Role Models. *American Journal of Political Science*, 51(4), 921-939. <https://doi.org/10.1111/j.1540-5907.2007.00289.x>

Zagórski, P. (2022). Too Much to Choose from? The Long-Term Effects of Political Fragmentation on Electoral Turnout. *Politics*, 42(3), 358-375. <https://doi.org/10.1177/0263395720971210>

Capítulo VI - Apêndices

Apêndice 1: Esquema do Inquérito.

Pergunta 1: Indique a sua data de nascimento.						
Pergunta 2: Com que género mais se identifica?						
Feminino Masculino Não-Binário Outro						
Pergunta 3: É militante de algum partido político?						
Sim Não						
Pergunta 3a: Se escolheu “Sim” na pergunta anterior, por favor indique a que partido pertence.						
Pergunta 4: Considera-se próximo a algum(ns) partido(s)?						
Sim Não						
Pergunta 4a: Se respondeu “Sim” na pergunta anterior, por favor indique a que partido(s) se considera mais próximo.						
Pergunta 5: Indique, numa escala de “0” (extrema-esquerda) a “10”(extrema-direita) onde considera localizar-se ideologicamente:						
Pergunta 6: Indique o seu endereço de e-mail.						
Pergunta 7: Indique em que dias estaria disponível para participar nos grupos de foco.						
Pergunta 8: Indique em que horários estaria disponível para participar nos grupos de foco.						
Afirmação 1: Tendo a preferir candidatos jovens a candidatos mais velhos.						
Discordo Totalmente Concordo Totalmente						
1	2	3	4	5	6	7

Afirmação 2: Tendo a votar no candidato do partido a que pertenço e /ou estou mais próximo, independentemente da idade do mesmo.						
Discordo Totalmente			Concordo Totalmente			
1	2	3	4	5	6	7
Afirmação 3: Tendo a votar no candidato mais próximo do espectro ideológico com que me identifico, independentemente da sua idade.						
Discordo Totalmente			Concordo Totalmente			
1	2	3	4	5	6	7
Afirmação 4: (Apenas responder se na Pergunta 2 escolheu “Feminino”) Tendo a preferir candidatas mulheres a candidatos homens, independentemente da sua idade.						
Discordo Totalmente			Concordo Totalmente			
1	2	3	4	5	6	7
Afirmação 5: Considerando dois candidatos do mesmo espectro ideológico, mesmo partido e do mesmo género, tendo a preferir o candidato mais jovem.						
Discordo Totalmente			Concordo Totalmente			
1	2	3	4	5	6	7
Afirmação 6: A probabilidade de um jovem ser eleito é menor do que a probabilidade de um candidato mais velho ser eleito.						
Discordo Totalmente			Concordo Totalmente			
1	2	3	4	5	6	7
Afirmação 7: Os candidatos jovens tendem a ser menos competentes do que candidatos mais velhos.						
Discordo Totalmente			Concordo Totalmente			
1	2	3	4	5	6	7

Apêndice 2: Guião das Entrevistas¹¹

P1: Olhando para uma lista de candidatos a deputados na Assembleia da República, como é que se sentem sobre o número de candidatos jovens nas listas?
- P1a: Sentem que existe um número adequado de candidatos jovens nestas listas?
- P1b: Sentem-se mais dispostos a votar nestes candidatos do que candidatos mais velhos?
P2: Quando olham para dois candidatos de diferentes idades, um mais jovem e outro mais velho, e de diferentes partidos, um mais à esquerda e outro mais à direita, no momento de escolha pesa mais na vossa decisão a idade do candidato ou a ideologia que defende?
- P2a: Quando analisam dois candidatos idênticos ideologicamente, um mais velho e um mais jovem, qual deles acham que prefeririam? Porquê?
- P2b: Imaginem dois candidatos hipotéticos. Um deles pertencente ao partido com o qual mais se identificam mas mais velho, e o outro mais jovem e pertencente a um partido semelhante ideologicamente ao que mais se identificam. Em qual dos candidatos votariam?
P3: (Apenas para as entrevistadas mulheres) Quando estão a ponderar o voto em dois candidatos, sentem-se mais predispostas a votar numa candidata mulher independentemente da sua idade ou num jovem independentemente do género (isto é num homem ou mulher jovem)? Porquê?
P4: Em comparação à eleição de uma pessoa mais velha, de que forma se sentem em relação à possibilidade de um jovem ser eleito em eleições legislativas? Sentem que as suas chances são mais reduzidas?
- P4a: Se sim, sentem que isso tem impacto na vossa escolha eleitoral no dia das eleições?
P5: Quando avaliam dois candidatos, um jovem e um mais velho, utilizam exatamente os mesmos critérios para ambos os candidatos ou, em alternativa, utilizam critérios particulares para cada um dos candidatos?
P6: Consideram que os candidatos jovens são tão competentes quanto candidatos mais velhos?
P7: O que acham sobre a perceção da sociedade sobre a competência dos candidatos jovens? Acham que a sociedade tende a desvalorizar a competência dos jovens?
- P7a: Esta perceção da sociedade influencia a vossa escolha de candidato?
P8: Quando avaliam dois candidatos de idades distintas, um mais jovem e um mais velho, utilizam exatamente os mesmos critérios para ambos ou, por outro lado, usam critérios distintos para os avaliar?
P9: Consideram que entre os vários aspetos aqui discutidos (ideologia, género, perceção de competência) uns sejam mais importantes do que outros? Se sim, qual(is) e porquê?

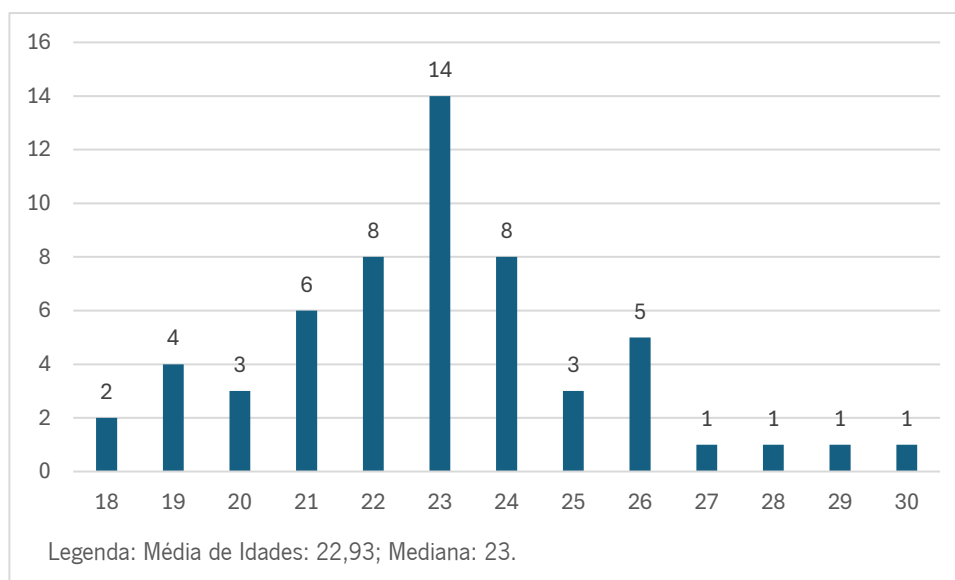
¹¹ Para todas as secções é feita uma breve introdução ao tema de maneira a oferecer uma contextualização necessária que, não obstante, não está incluída neste apêndice.

P10: Consideram que exista algum aspeto e/ou tópico relevante que ainda não tenha sido abordada ao longo desta discussão? Se sim, qual(is)?

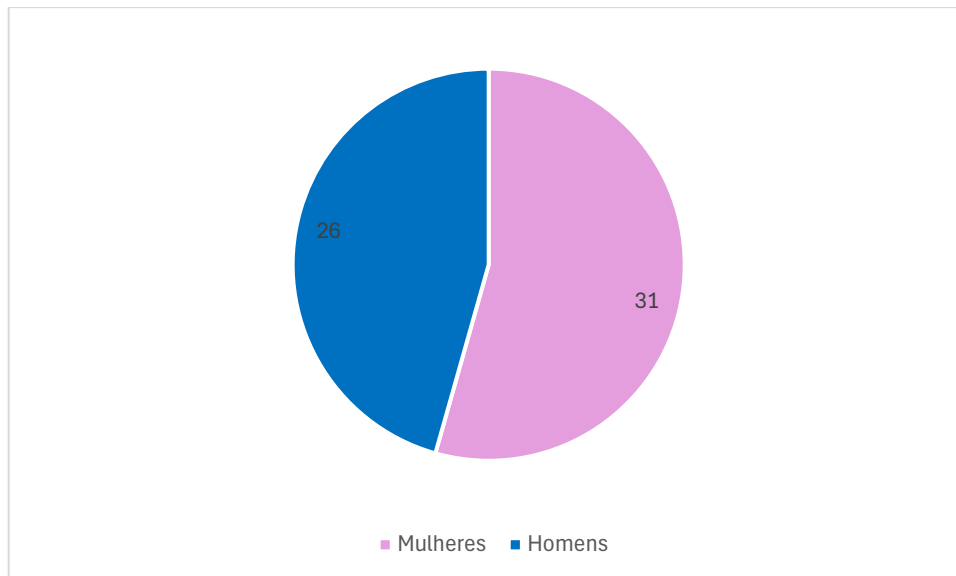
P11: Imaginem dois cenários diferentes em que era dia de eleições e se estavam a dirigir às urnas. No 1º cenário, o sistema funciona igual ao sistema português atual, os partidos elaboram as listas de candidatos e os eleitores votam nos partidos. Subsequentemente, esses votos são transformados em mandatos elegendo candidatos pela ordem que os partidos estipularam. No 2º cenário, para além dos eleitores votarem no partido que querem apoiar, votam também no candidato específico que querem eleger. Qual destes dois cenários prefeririam e porquê?

- **P11a:** Acham que o 2º cenário impulsionaria a eleição de mais candidatos jovens? Porquê?

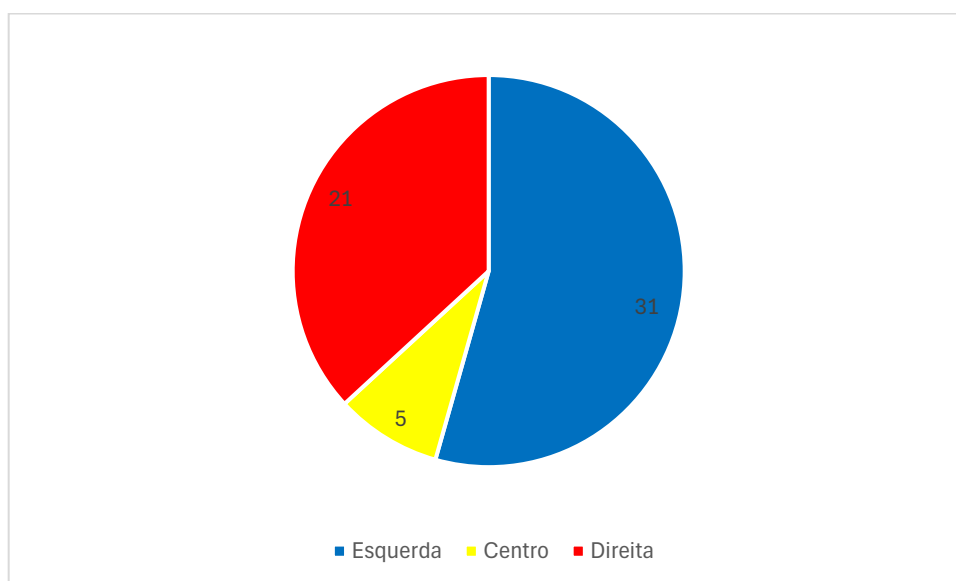
Apêndice 3: Características da Amostra do Inquérito



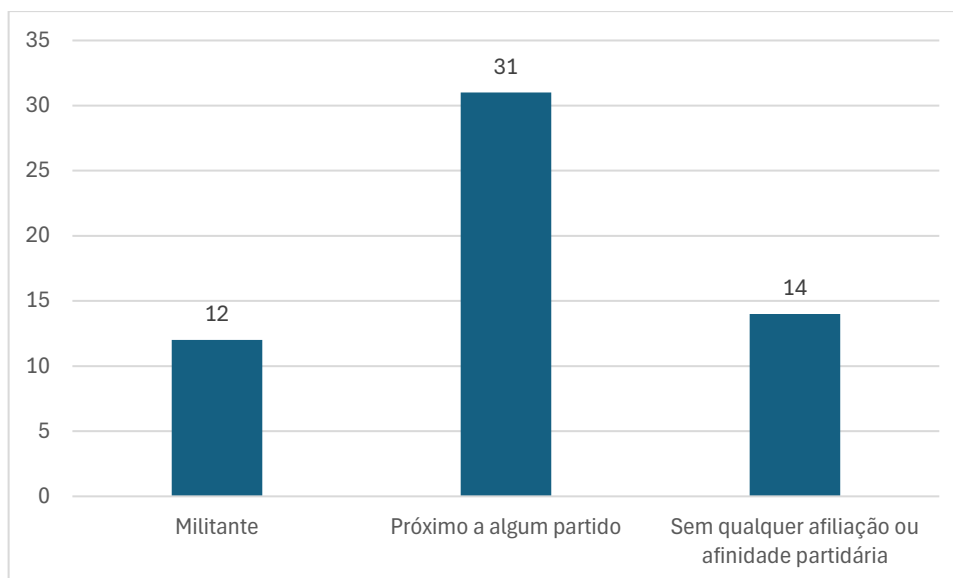
Apêndice 3a: Distribuição da Idade dos Inquiridos.



Apêndice 3b: Distribuição de Género dos Inquiridos.



Apêndice 3c: Posicionamento no Espectro Ideológico dos Inquiridos.



Apêndice 3d: Proximidade a Partidos Políticos dos Inquiridos.

Apêndice 4: Perspetivas da Amostra do Inquérito (Geral)

Afirmação	Discordo (1-3)	Neutro (4)	Concordo (5-7)
“Tendo a preferir candidatos jovens a candidatos mais velhos.”	33,3%	40,3%	26,3%
“Tendo a votar no candidato do partido a que pertenço e/ou estou mais próximo, independentemente da idade do mesmo.”	17,5%	15,8%	66,7%
“Tendo a votar no candidato mais próximo do espectro ideológico com que me identifico, independentemente da sua idade.”	3,5%	5,3%	91,2%
“Tendo a preferir candidatas mulheres a candidatos homens, independentemente da sua idade.” (Só Mulheres)	61,3%	9,7%	29%

“Considerando dois candidatos do mesmo espectro ideológico, mesmo partido, e do mesmo gênero, tendo a preferir o candidato mais jovem.”	42,1%	31,6%	26,3%
“A Probabilidade de um Jovem ser Eleito é Menor do que a Probabilidade de um Candidato Mais Velho ser Eleito”	12,3%	7%	80,7%
“Os Candidatos Jovens Tendem a ser Menos Competentes do que Candidatos Mais Velhos”.	86%	10,5%	3,5%

Apêndice 5: Perspetivas da Amostra do Inquérito (Ideologia)¹²

Afirmação	Discordo (1-3)	Neutro (4)	Concordo (5-7)
“Tendo a preferir candidatos jovens a candidatos mais velhos.”	35,5% (Esquerda); 28,6% (Direita)	35,5% (Esquerda); 52,4% (Direita)	29% (Esquerda); 19% (Direita)
“Tendo a votar no candidato do partido a que pertenço e/ou estou mais próximo, independentemente da idade do mesmo.”	16,1% (Esquerda); 28,6% (Direita)	12,9% (Esquerda); 23,8% (Direita)	71% (Esquerda); 66,7% (Direita)
“Tendo a votar no candidato mais próximo do espectro ideológico com que me identifico, independentemente da sua idade.”	3,2% (Esquerda); 4,8% (Direita)	3,2% (Esquerda); 4,8% (Direita)	93,5% (Esquerda); 90,5% (Direita)
“Tendo a preferir candidatas mulheres a candidatos homens, independentemente da sua idade.” (Só Mulheres)	47,4% (Esquerda); 85,7% (Direita)	10,5% (Esquerda); 0% (Direita)	42,1% (Esquerda); 14,3% (Direita)

¹² Para efeitos deste Apêndice foram excluídas as cinco respostas de inquiridos cujo posicionamento ideológico foi o centro absoluto (ver Apêndice 3c).

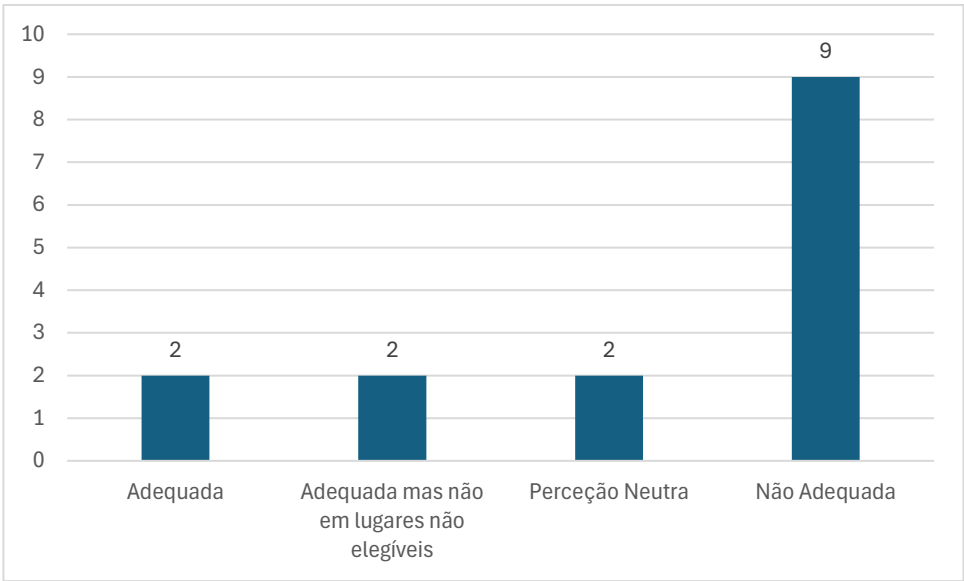
“Considerando dois candidatos do mesmo espectro ideológico, mesmo partido, e do mesmo género, tendo a preferir o candidato mais jovem.”	45,2% (Esquerda); 28,6% (Direita)	29% (Esquerda); 47,6% (Direita)	25,8% (Esquerda); 23,8% (Direita)
“A Probabilidade de um Jovem ser Eleito é Menor do que a Probabilidade de um Candidato Mais Velho ser Eleito”	9,7% (Esquerda); 14,3% (Direita)	0% (Esquerda); 19% (Direita)	90,3% (Esquerda); 66,7% (Direita)
“Os Candidatos Jovens Tendem a ser Menos Competentes do que Candidatos Mais Velhos”.	87,1% (Esquerda); 81% (Direita)	9,7% (Esquerda); 14,3% (Direita)	3,2% (Esquerda); 4,8% (Direita)

Apêndice 6: Perspetivas da Amostra do Inquérito (Género)

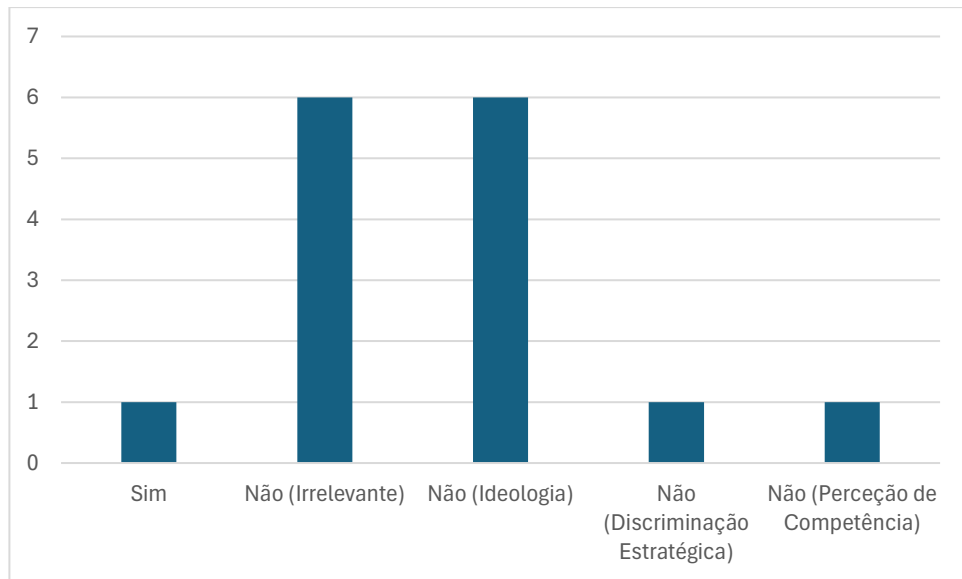
Afirmação	Discordo (1-3)	Neutro (4)	Concordo (5-7)
“Tendo a preferir candidatos jovens a candidatos mais velhos.”	26,9% (Homens); 38,5% (Mulheres)	50% (Homens); 34,6% (Mulheres)	23,1% (Homens); 26,9% (Mulheres)
“Tendo a votar no candidato do partido a que pertenço e/ou estou mais próximo, independentemente da idade do mesmo.”	15,4% (Homens); 11,5% (Mulheres)	23,1% (Homens); 11,5% (Mulheres)	61,5% (Homens); 76,9% (Mulheres)
“Tendo a votar no candidato mais próximo do espectro ideológico com que me identifico, independentemente da sua idade.”	3,8% (Homens); 3,8% (Mulheres)	3,8% (Homens); 3,8% (Mulheres)	92,3% (Homens); 92,3% (Mulheres)
“Tendo a preferir candidatas mulheres a candidatos homens, independentemente da sua idade.” (Só Mulheres)	—	—	—
“Considerando dois candidatos do mesmo espectro ideológico, mesmo	34,6% (Homens); 42,3% (Mulheres)	34,6% (Homens); 34,6% (Mulheres)	30,8% (Homens); 23,1% (Mulheres)

partido, e do mesmo género, tendo a preferir o candidato mais jovem.”			
“A Probabilidade de um Jovem ser Eleito é Menor do que a Probabilidade de um Candidato Mais Velho ser Eleito”	11,5% (Homens); 11,5% (Mulheres)	15,4% (Homens); 0% (Mulheres)	73,1% (Homens); 88,5% (Mulheres)
“Os Candidatos Jovens Tendem a ser Menos Competentes do que Candidatos Mais Velhos”.	84,6% (Homens); 84,6% (Mulheres)	11,5% (Homens); 11,5% (Mulheres)	3,8% (Homens); 3,8% (Mulheres)

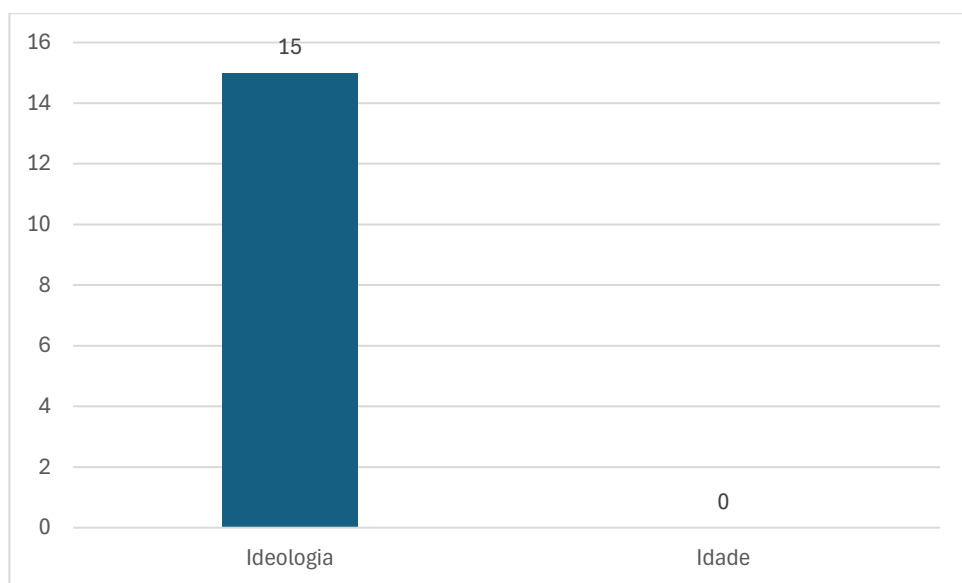
Apêndice 7: Perspetivas dos Participantes nos Grupos Focais (Geral)



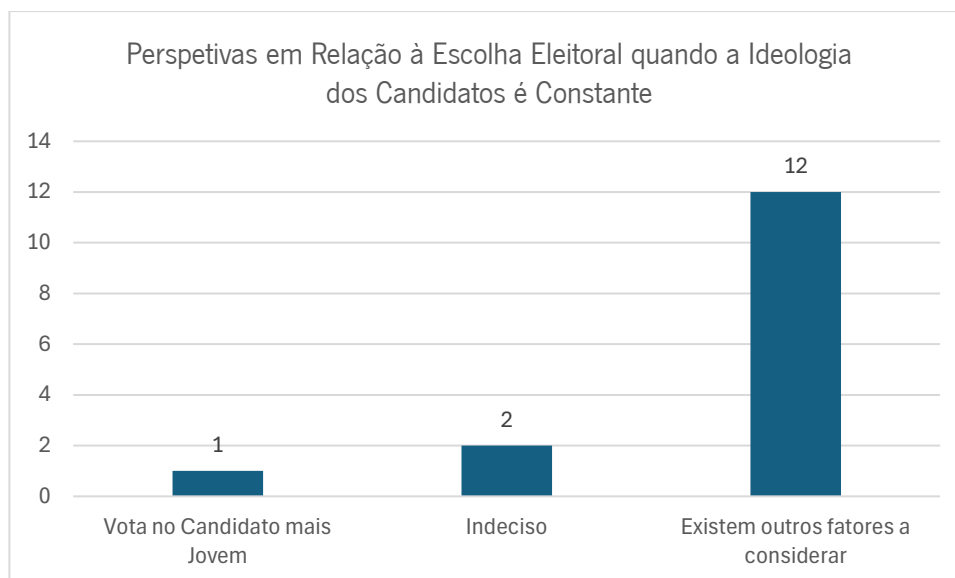
Apêndice 7a: Percepção sobre a Quantidade de Jovens nas Listas Partidárias em Eleições Legislativas.



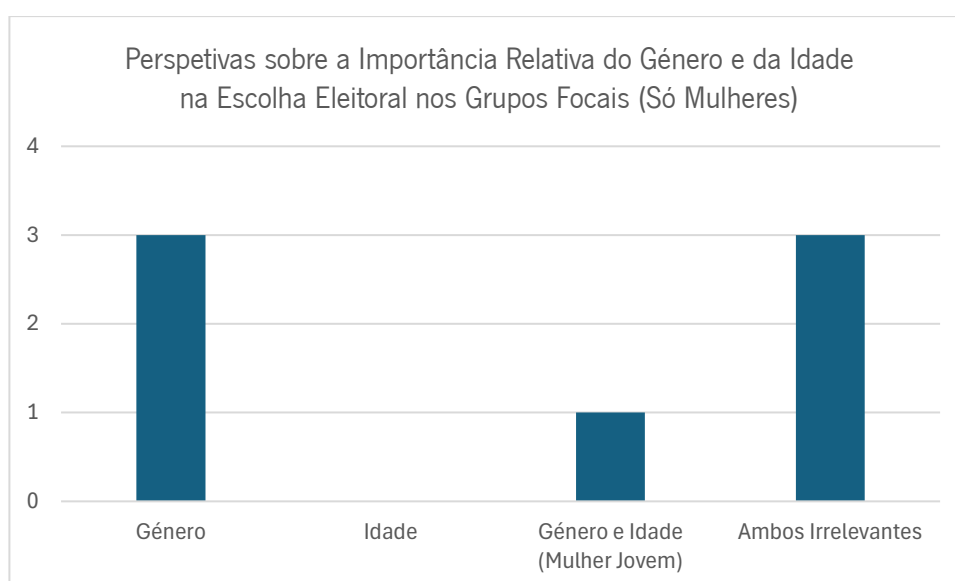
Apêndice 7b: Perspetivas sobre a Importância Relativa da Idade na Escolha Eleitoral.



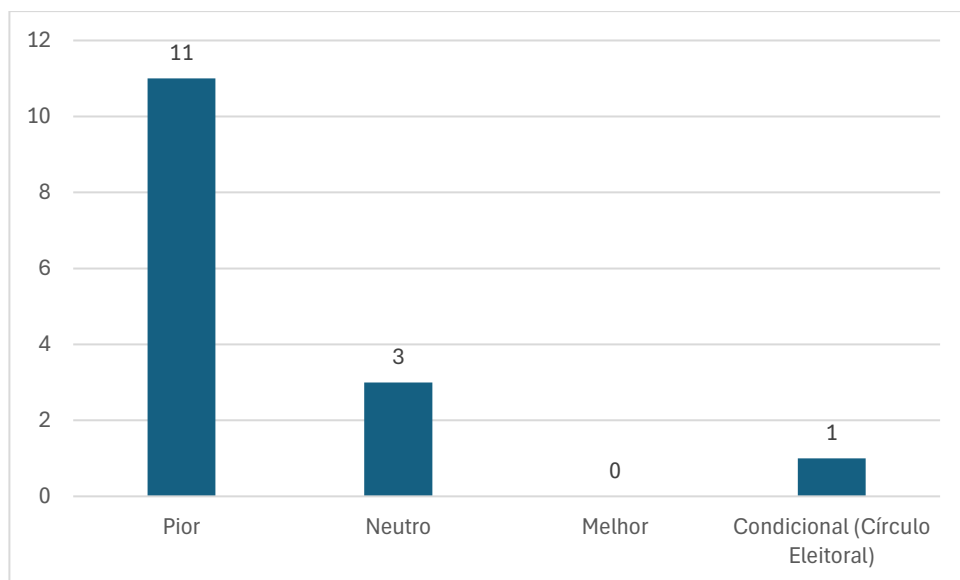
Apêndice 7c: Perspetivas sobre a Importância Relativa da Ideologia e da Idade na Escolha Eleitoral.



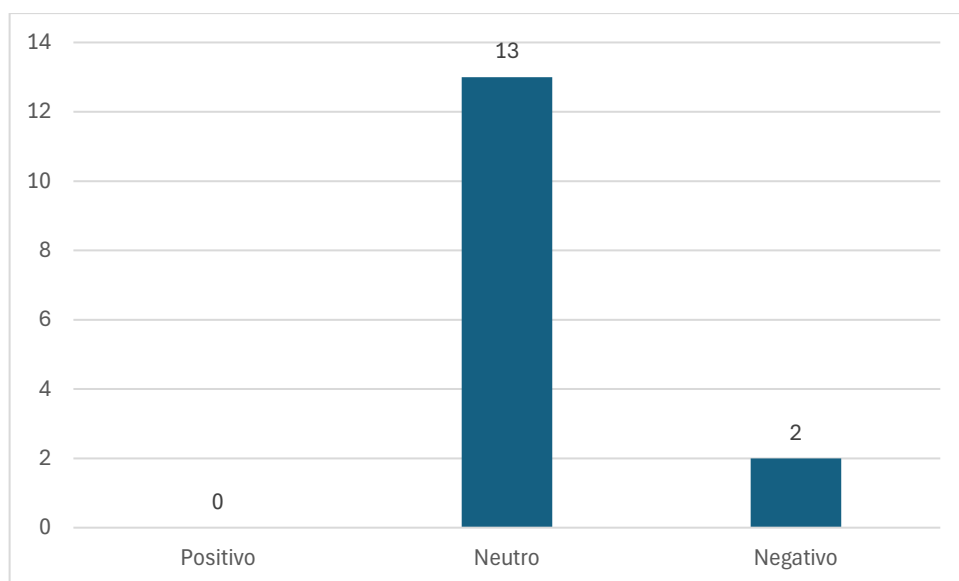
Apêndice 7d: Perspetivas em Relação à Escolha Eleitoral quando a Ideologia dos Candidatos é Constante.



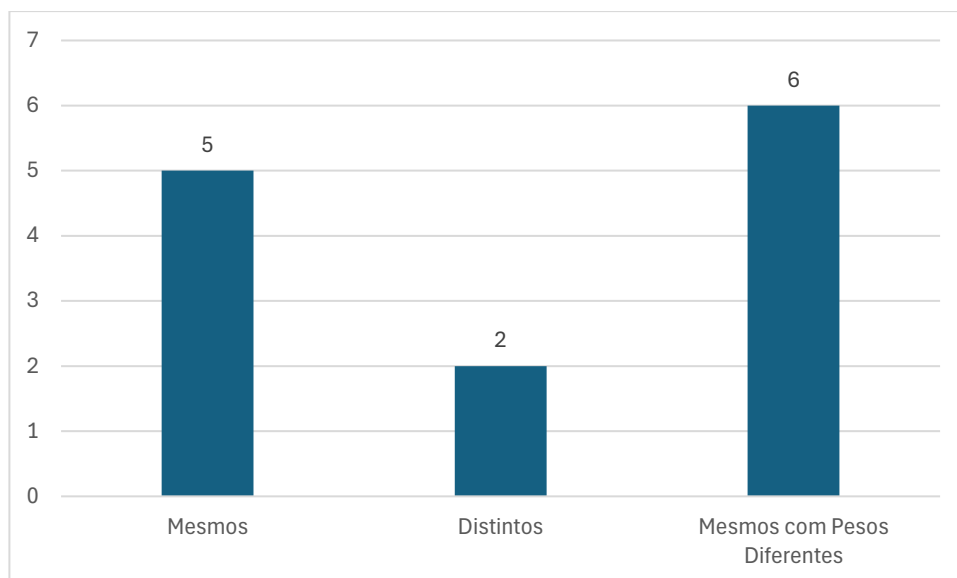
Apêndice 7e: Perspetivas sobre a Importância Relativa do Género e da Idade na Escolha Eleitoral (Só Mulheres).



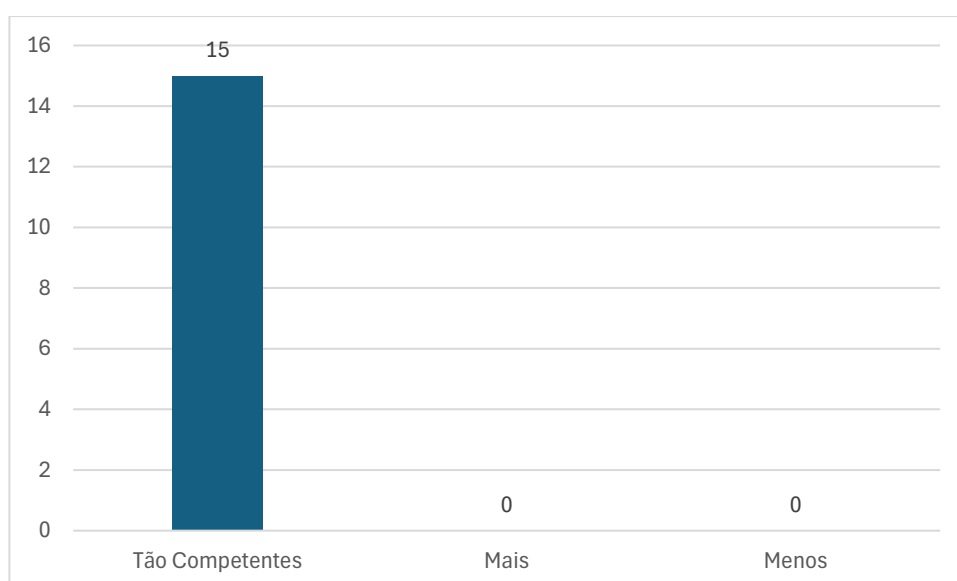
Apêndice 7f: Perspectivas sobre a Probabilidade de um Candidato Jovem ser Eleito em Relação à Probabilidade de um Candidato mais Velho ser Eleito.



Apêndice 7g: Impacto da Percepção de Elegibilidade dos Candidatos Jovens na Escolha Eleitoral.

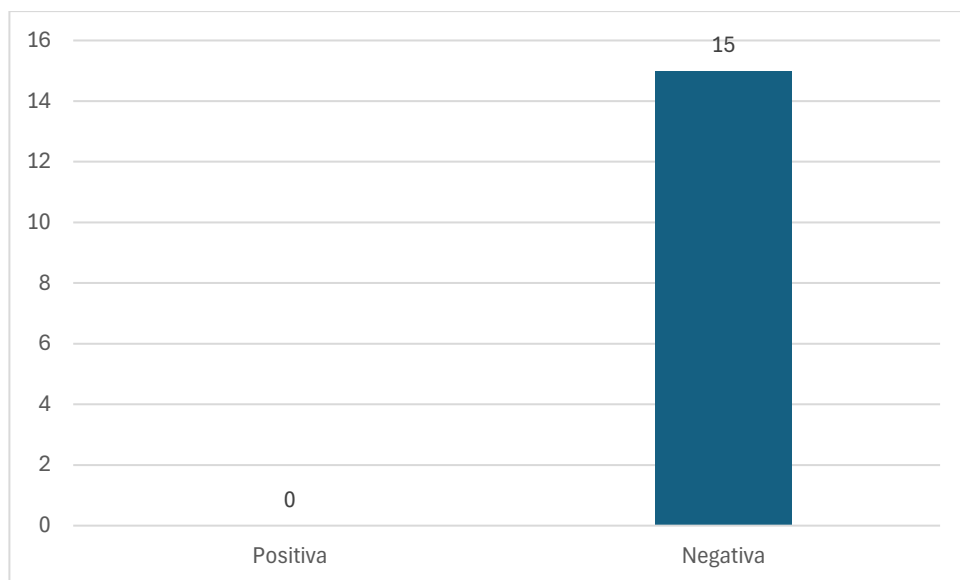


Apêndice 7h: Mobilização de Critérios aquando da Escolha Eleitoral entre Candidatos Jovens e Candidatos mais Velhos.¹³

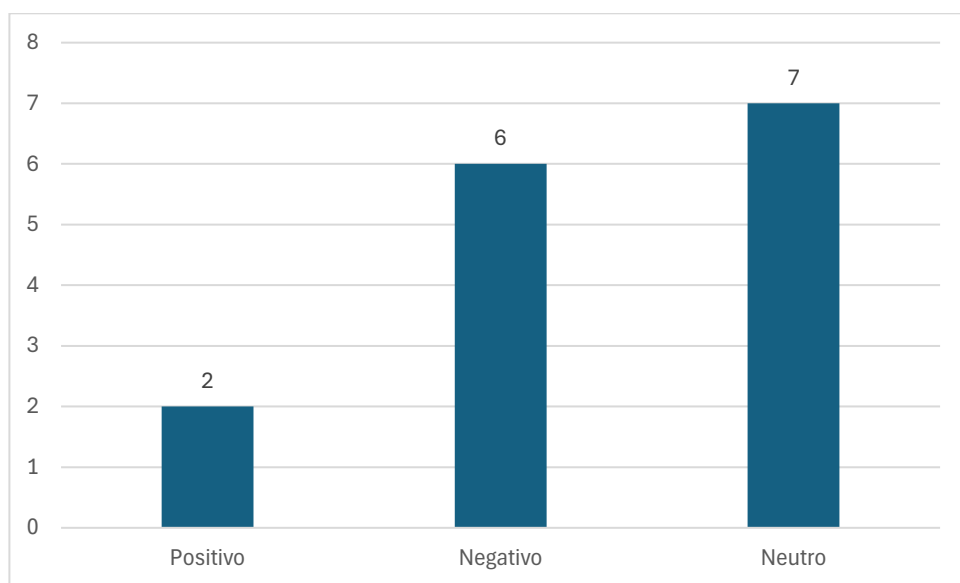


Apêndice 7i: Perceção de Competência dos Candidatos Jovens.

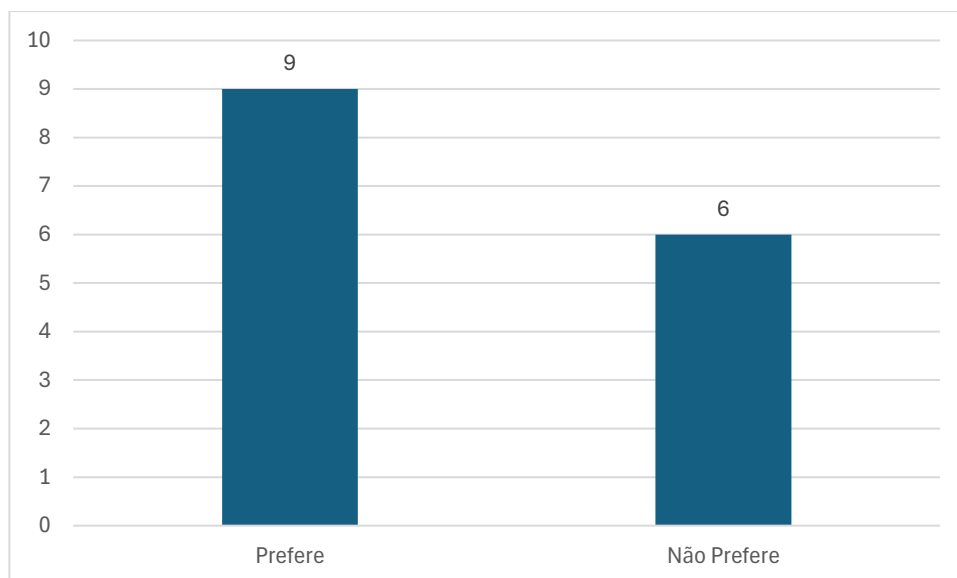
¹³ Duas participantes nos grupos focais (Helena e Teresa) não ofereceram uma resposta a esta questão, pelo foram excluídas para efeitos deste Apêndice, e dos Apêndices 8g e 9f.



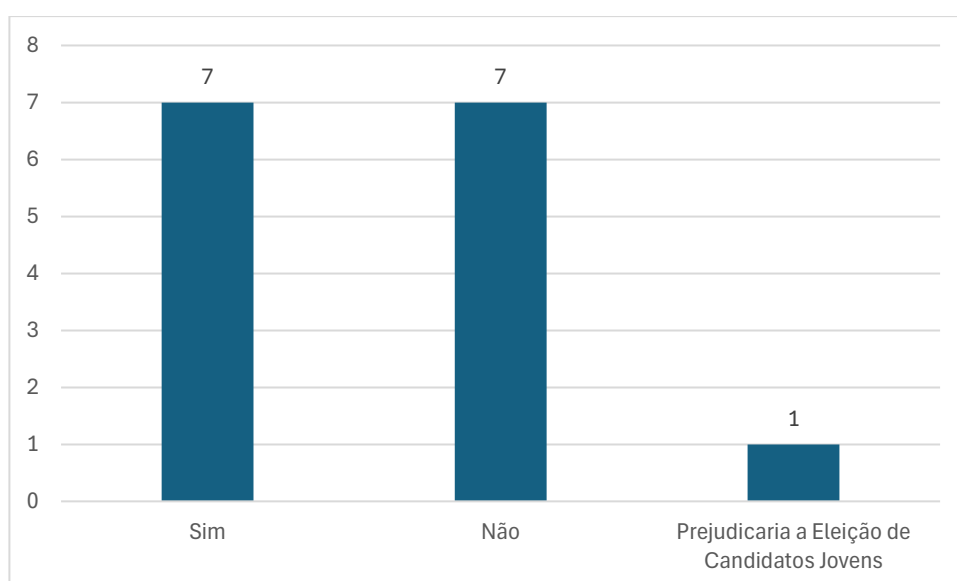
Apêndice 7j: Perspetiva sobre a Percepção da Sociedade da Competência dos Candidatos Jovens



Apêndice 7k: Impacto da Percepção da Sociedade da Competência dos Jovens na Escolha Eleitoral.

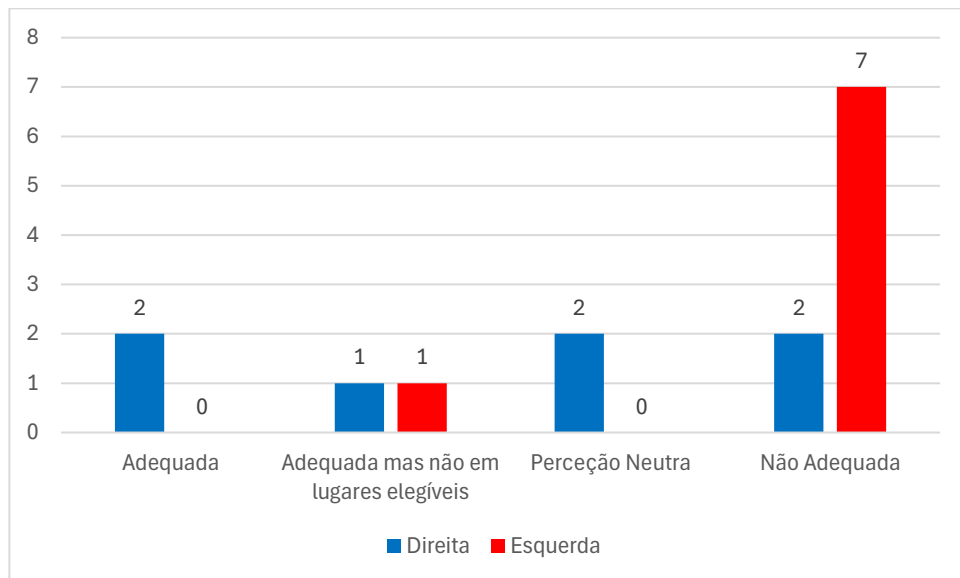


Apêndice 7l: Preferência relativamente a um Cenário Hipotético de Votação Preferencial de Candidatos nas Listas Partidárias nas Eleições Legislativas em Portugal.

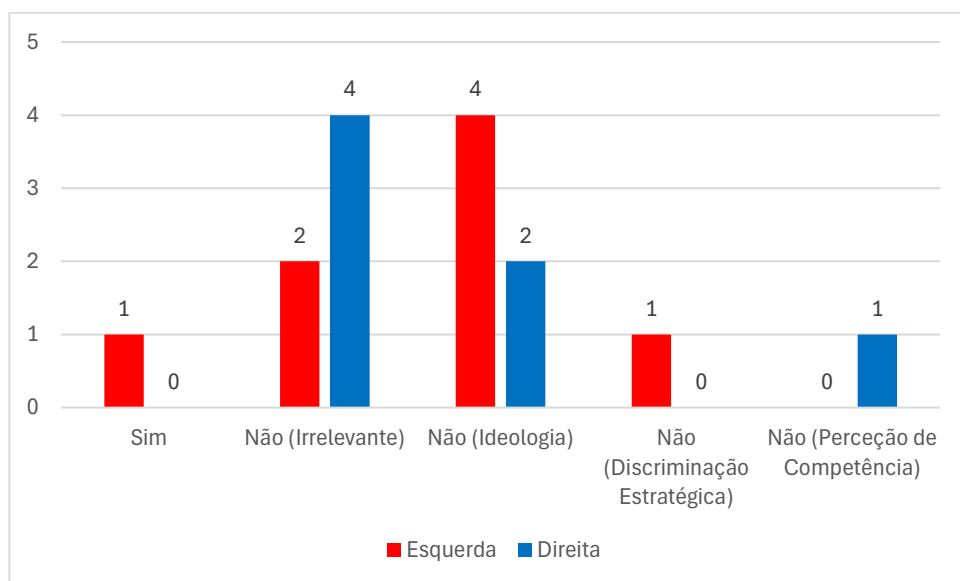


Apêndice 7m: Perspetivas sobre se a Introdução do Voto Preferencial nas Listas Partidárias nas Eleições Legislativas Impulsionaria a Eleição de mais Candidatos Jovens.

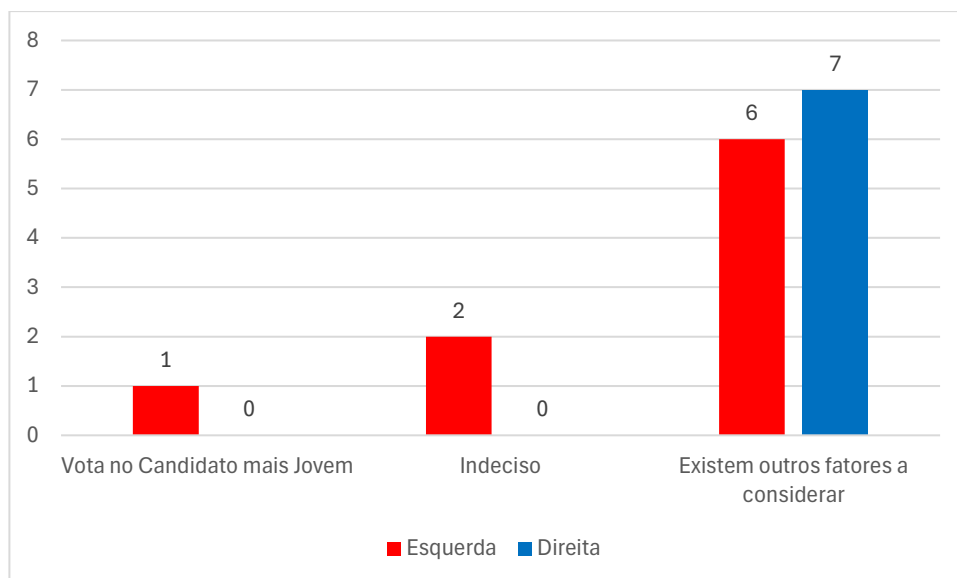
Apêndice 8: Perspetivas dos Participantes nos Grupos Focais (Ideologia)



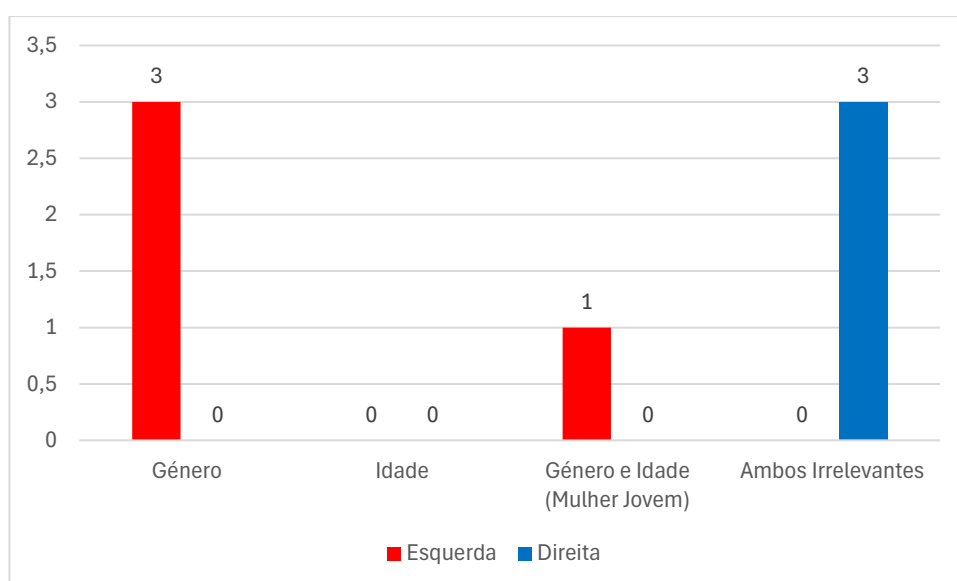
Apêndice 8a: Percepção sobre a Quantidade de Jovens nas Listas Partidárias em Eleições Legislativas.



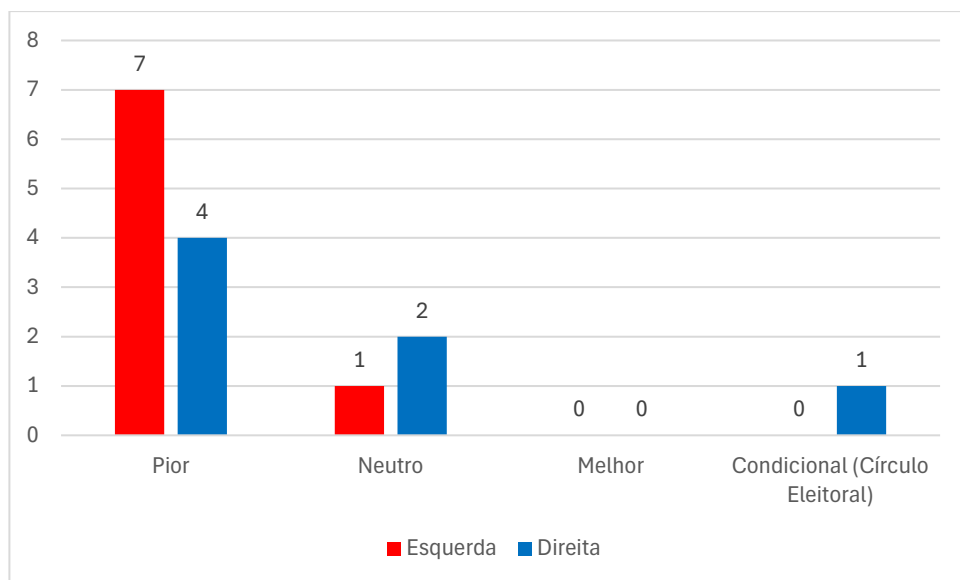
Apêndice 8b: Perspetivas sobre a Importância Relativa da Idade na Escolha Eleitoral.



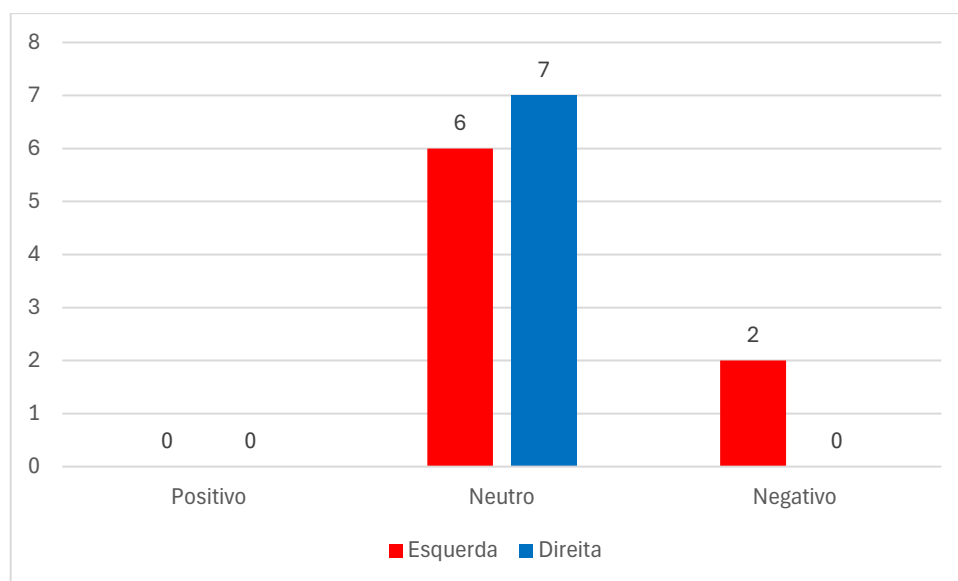
Apêndice 8c: Perspetivas em Relação à Escolha Eleitoral quando a Ideologia dos Candidatos é Constante.



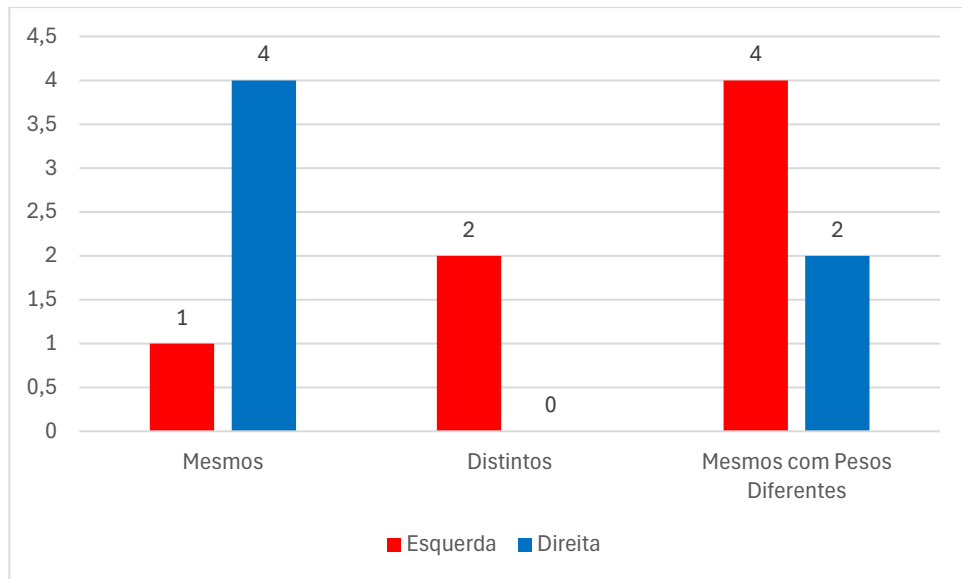
Apêndice 8d: Perspetivas sobre a Importância Relativa do Gênero e da Idade na Escolha Eleitoral (Só Mulheres).



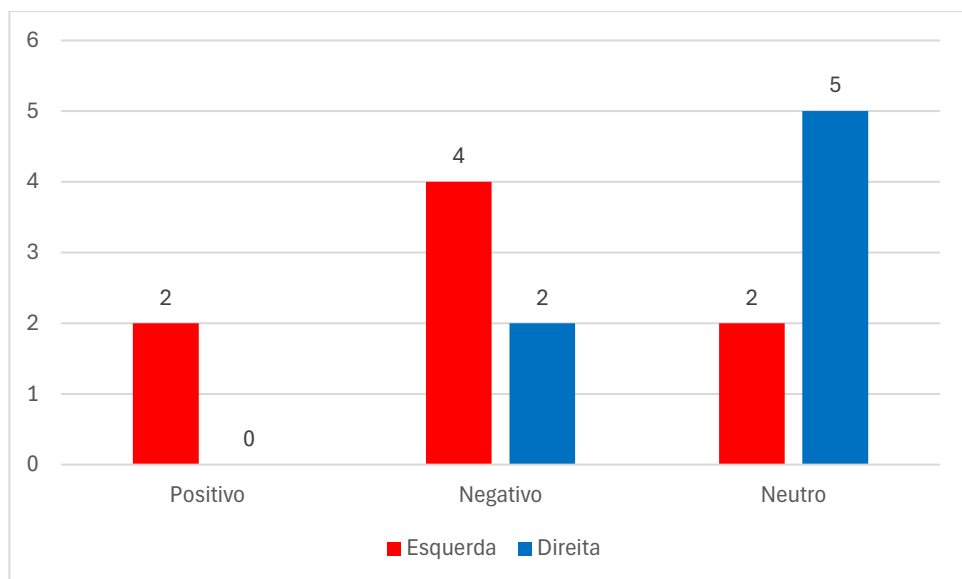
Apêndice 8e: Perspetivas sobre a Probabilidade de um Candidato Jovem ser Eleito em Relação à Probabilidade de um Candidato mais Velho ser Eleito.



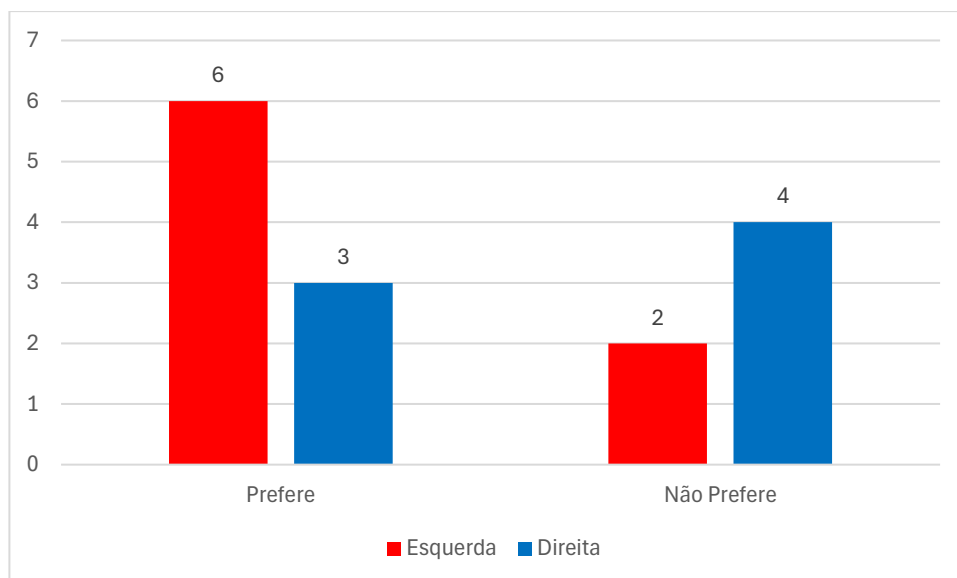
Apêndice 8f: Impacto da Perceção de Elegibilidade dos Candidatos Jovens na Escolha Eleitoral.



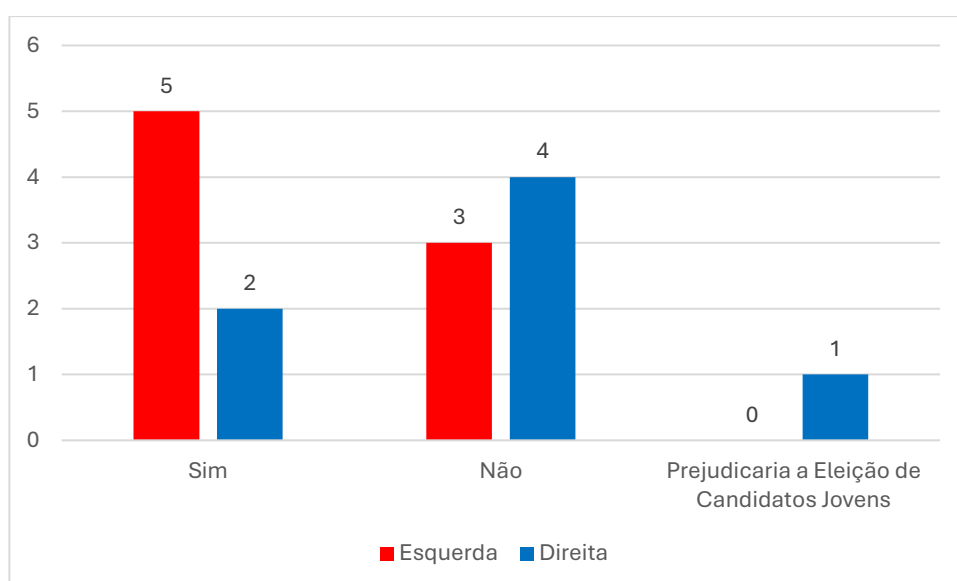
Apêndice 8g: Mobilização de Critérios aquando da Escolha Eleitoral entre Candidatos Jovens e Candidatos mais Velhos.



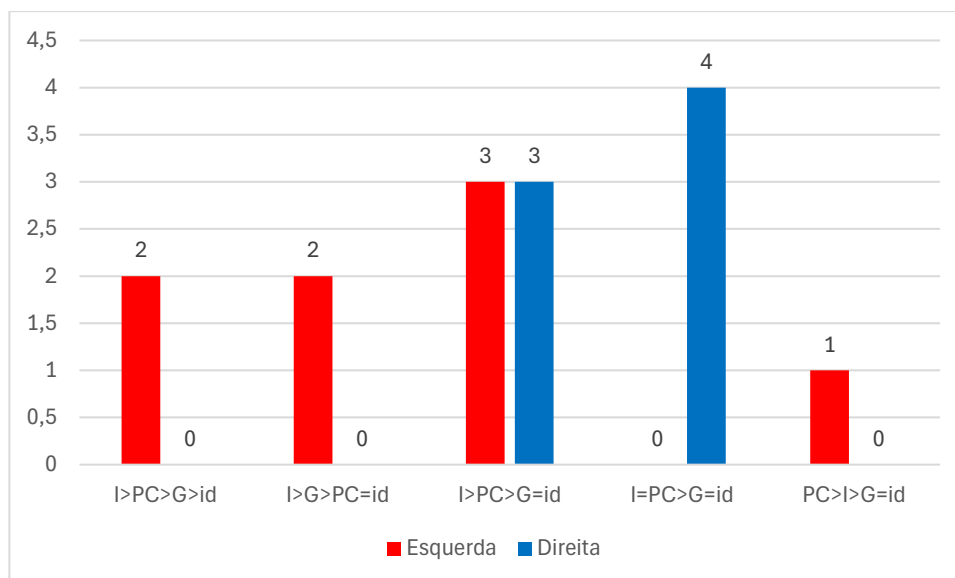
Apêndice 8h: Impacto da Percepção da Sociedade da Competência dos Jovens na Escolha Eleitoral.



Apêndice 8i: Preferência relativamente a um Cenário Hipotético de Votação Preferencial de Candidatos nas Listas Partidárias nas Eleições Legislativas em Portugal.

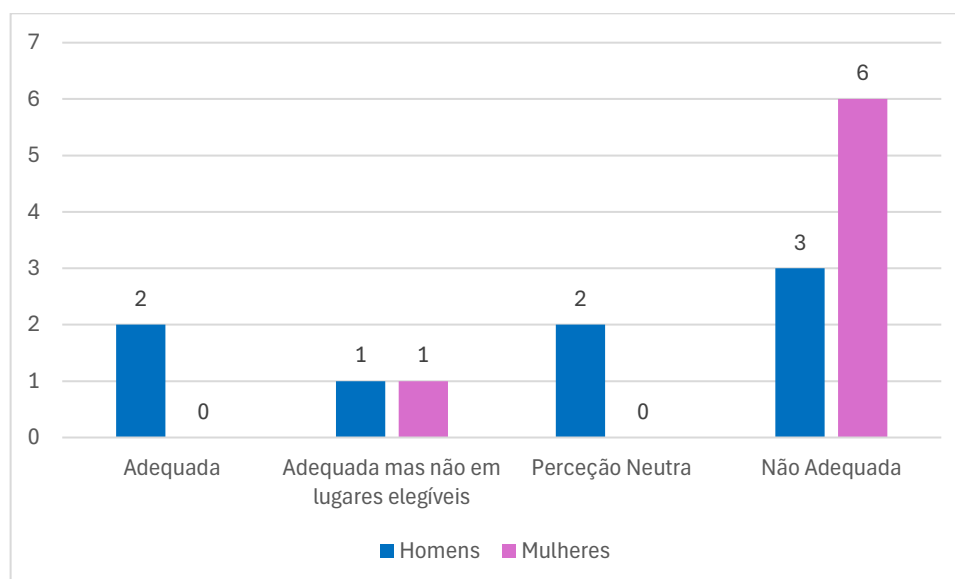


Apêndice 8j: Perspetivas sobre se a Introdução do Voto Preferencial nas Listas Partidárias nas Eleições Legislativas Impulsionaria a Eleição de mais Candidatos Jovens.

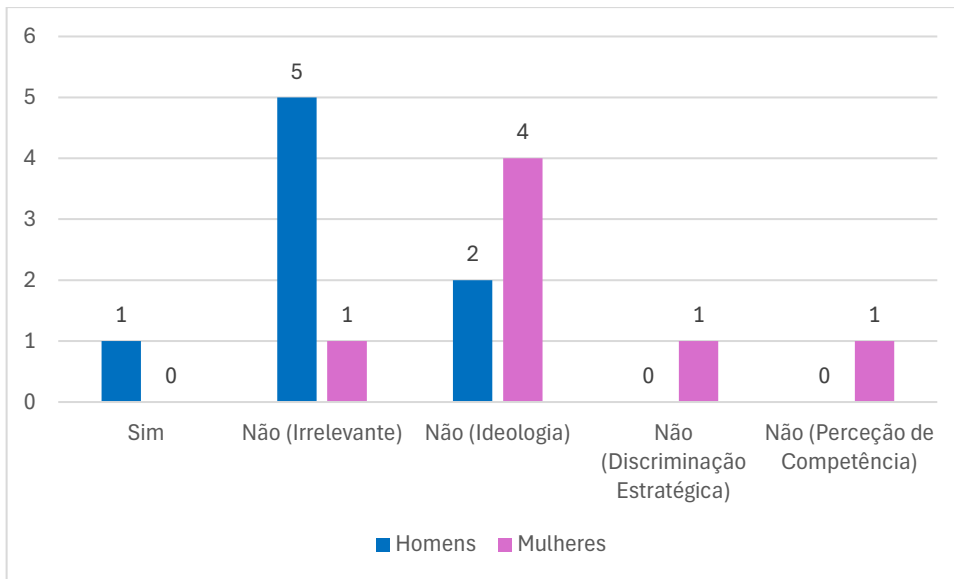


Apêndice 8k: Perspetivas sobre a Hierarquização dos Mecanismos Abordados.

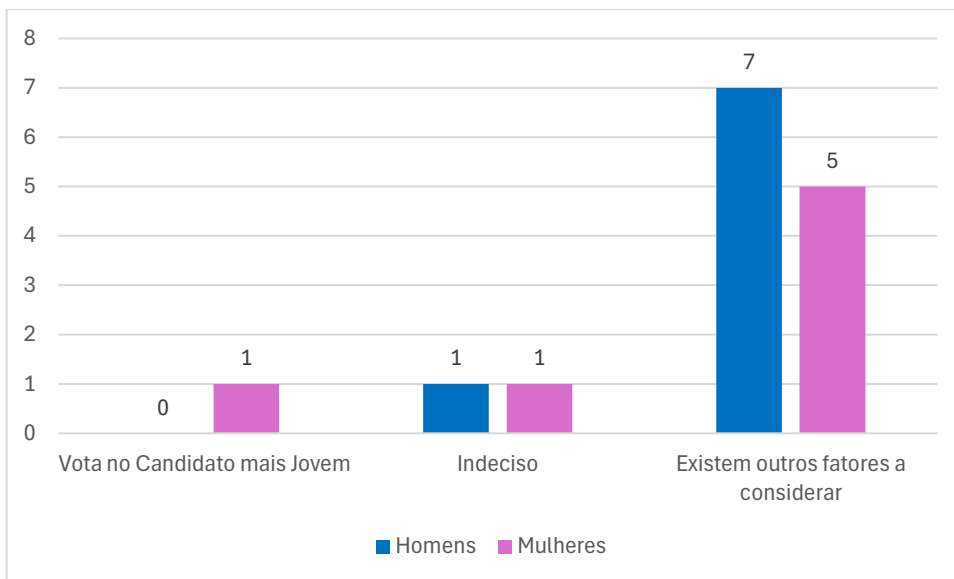
Apêndice 9: Perspetivas dos Participantes nos Grupos Focais (Género)



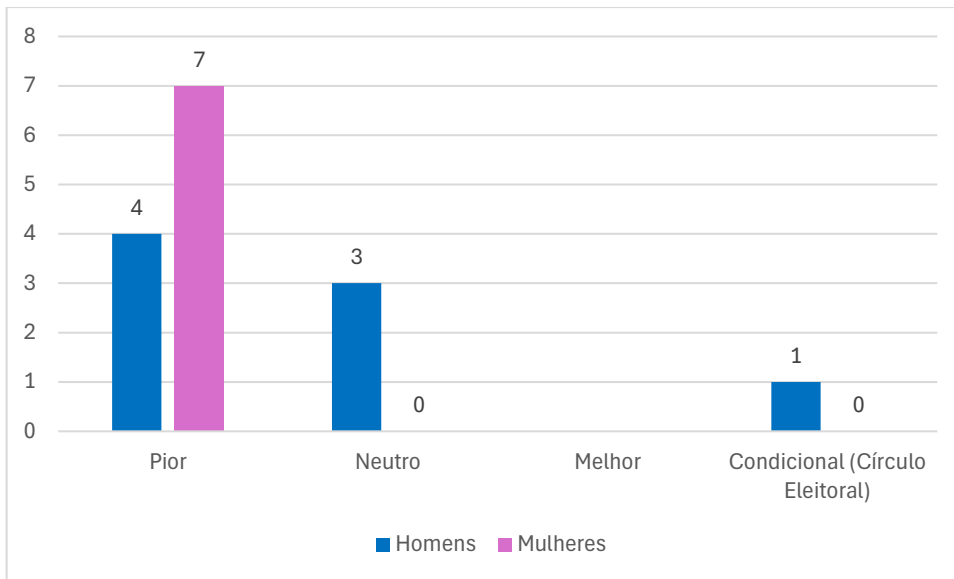
Apêndice 9a: Percepção sobre a Quantidade de Jovens nas Listas Partidárias em Eleições Legislativas nos Grupos Focais.



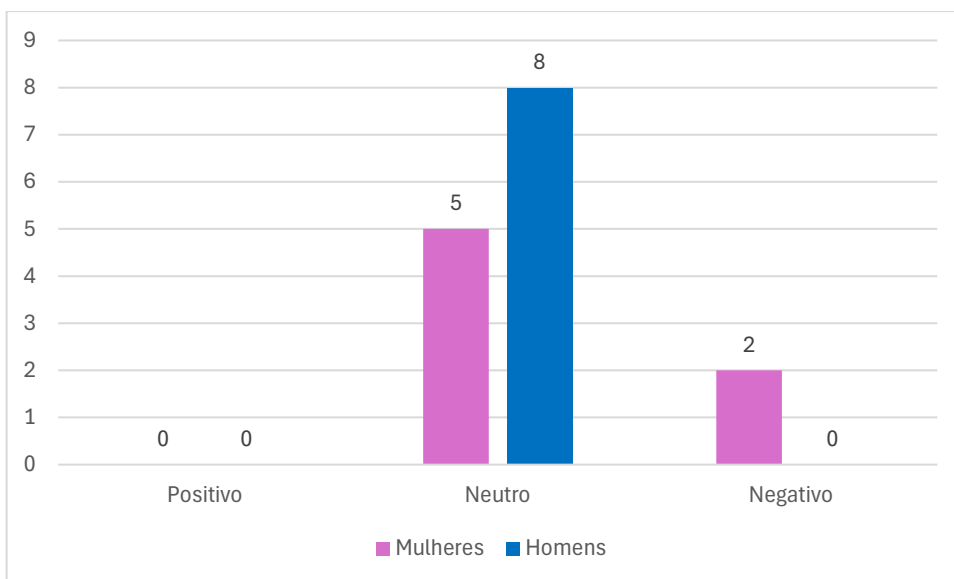
Apêndice 9b: Perspetivas sobre a Importância Relativa da Idade na Escolha Eleitoral.



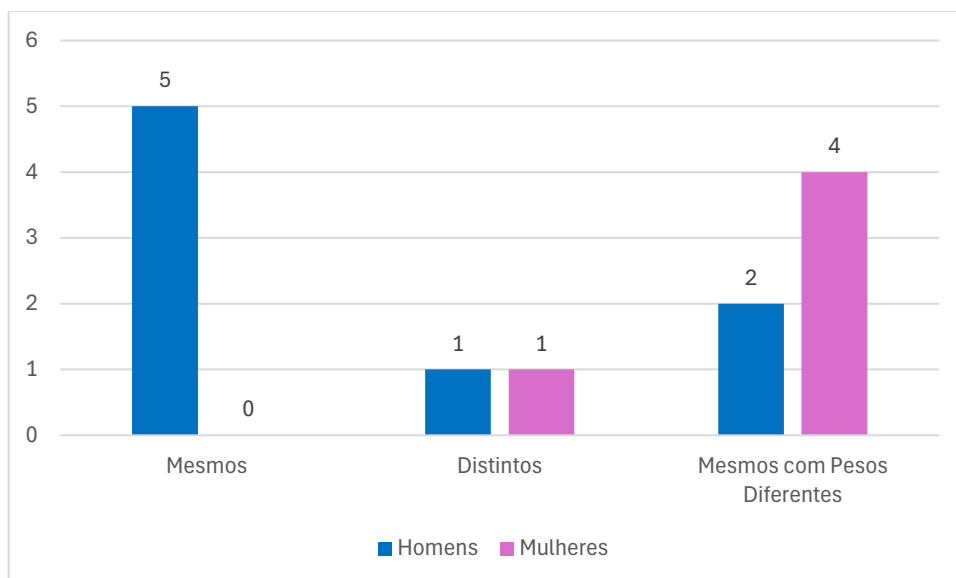
Apêndice 9c: Perspetivas em Relação à Escolha Eleitoral quando a Ideologia dos Candidatos é Constante.



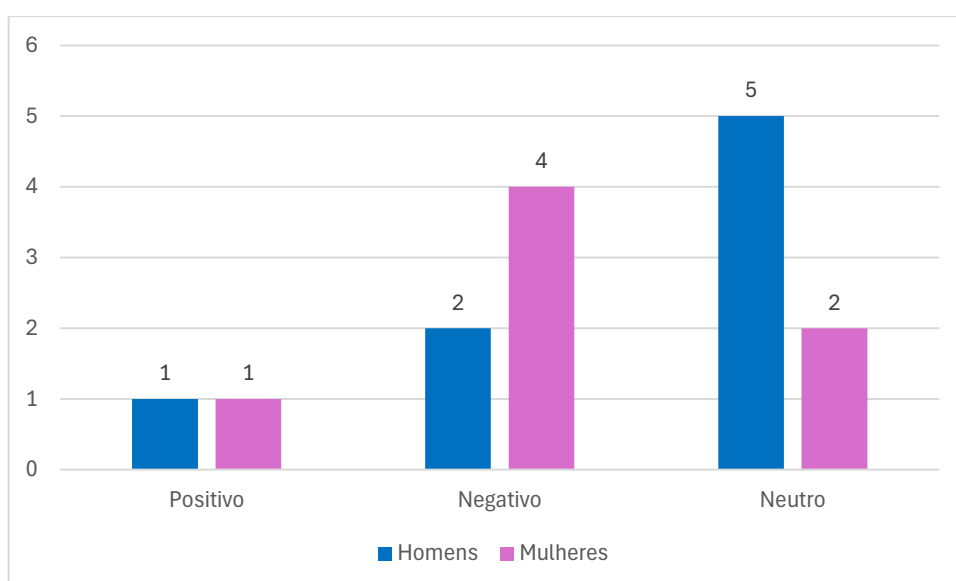
Apêndice 9d: Perspetivas sobre a Probabilidade de um Candidato Jovem ser Eleito em Relação à Probabilidade de um Candidato mais Velho ser Eleito.



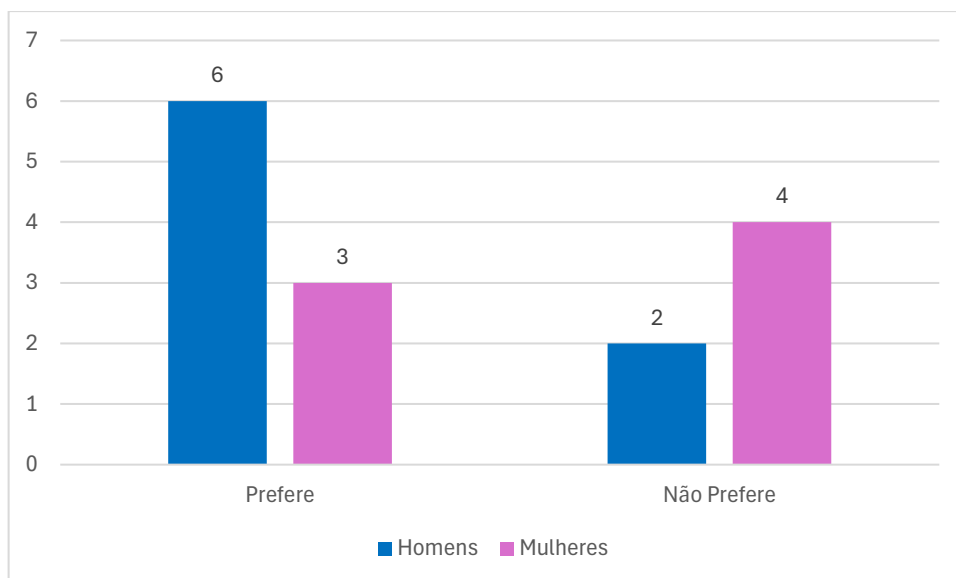
Apêndice 9e: Impacto da Percepção de Elegibilidade dos Candidatos Jovens na Escolha Eleitoral.



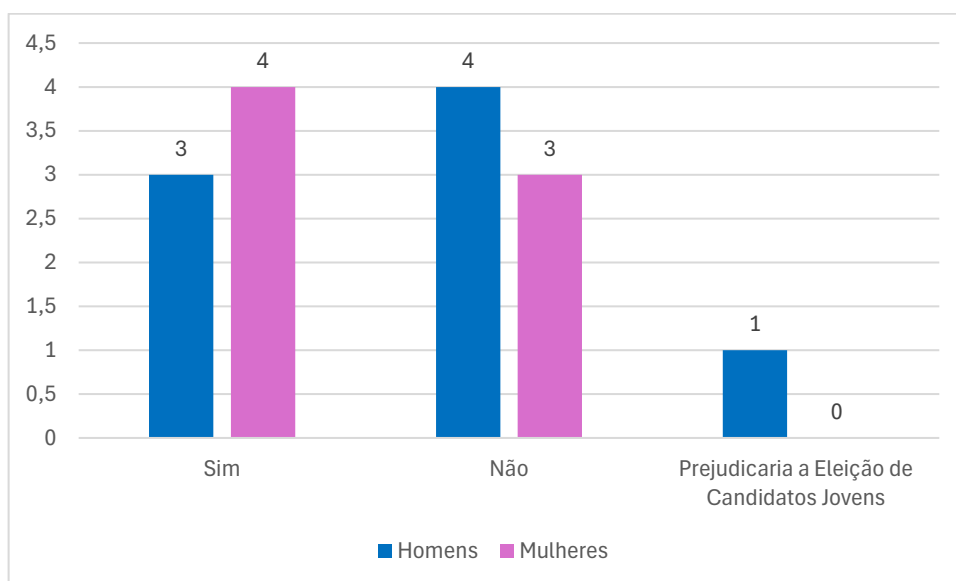
Apêndice 9f: Mobilização de Critérios quando da Escolha Eleitoral entre Candidatos Jovens e Candidatos mais Velhos.



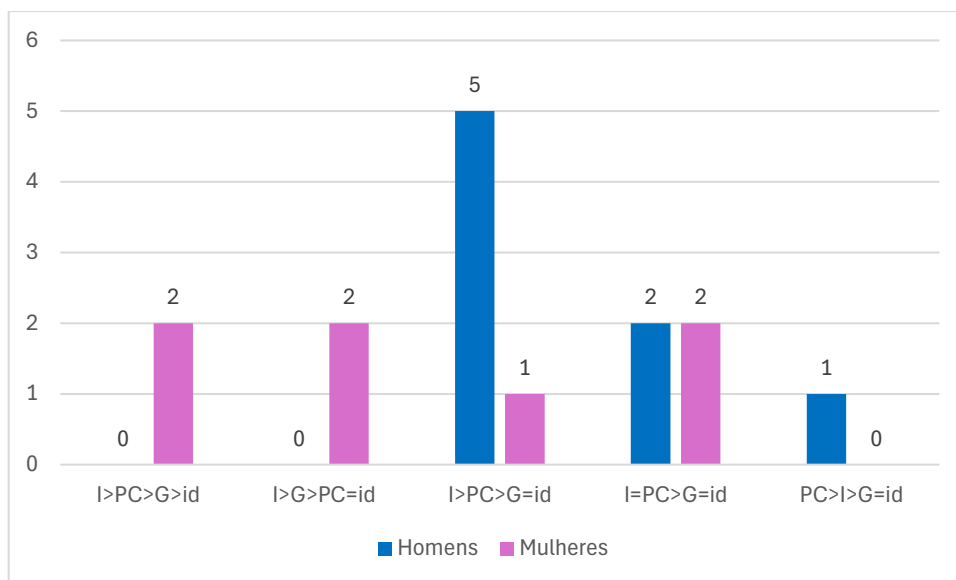
Apêndice 9g: Impacto da Percepção da Sociedade da Competência dos Jovens na Escolha Eleitoral.



Apêndice 9h: Preferência relativamente a um Cenário Hipotético de Votação Preferencial de Candidatos nas Listas Partidárias nas Eleições Legislativas em Portugal.



Apêndice 9i: Perspetivas sobre se a Introdução do Voto Preferencial nas Listas Partidárias nas Eleições Legislativas Impulsionaria a Eleição de mais Candidatos Jovens.



Apêndice 9j: Perspectivas sobre a Hierarquização dos Mecanismos Abordados.

Apêndice 10 – Categorias Principais de Codificação

Categoria	Definição	Subcategorias (exemplos)	Exemplo de excerto
Relevância da Idade na Escolha Eleitoral	Referências à relevância atribuída à idade do candidato no processo de decisão de voto, por si só e em relação a outros fatores.	Sim; Não (Irrelevante); Não (Ideologia)...	“(...) a idade não representa qualquer peso na minha decisão de voto.”
Hierarquia de Fatores na Escolha Eleitoral	Comparações entre diferentes critérios de escolha eleitoral, evidenciando quais são considerados mais importantes	I>PC>G>id; I=PC>G=id...	“Eu acho que a ideologia é mais importante do que o género do candidato e eu não sei se a percepção de competência é necessariamente mais importante do que a ideologia. Portanto, eu diria que a ideologia, percepção de competência e género”

**Discriminação
Estratégica**

Referências ao impacto das perspectivas da sociedade na escolha eleitoral	DE Negativo; DE Neutro...	“Então, sim, eu sinto que isso tem bastante impacto (...). Para mim, se eu sinto que um jovem não tem tantas hipóteses de ser eleito, eu vou votar numa pessoa mais velha que represente aquilo em que eu acredito.”
---	---------------------------	--

Gênero

Referências ao gênero do candidato e à sua influência na escolha eleitoral	G>I; G<I; G=I	“Apesar de idealmente não ser um fator decisivo, ser mulher ou homem, é sempre mais pela ideologia, eu acho que escolheria sempre a mulher”
--	---------------	---